



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

LEANDRO DE SOUSA ALMEIDA

**TRÊS ESPECTROS ASSOMBROSOS:
INÊS DE CASTRO NO ROMANCE HISTÓRICO PORTUGUÊS
DE SEOMARA DA VEIGA FERREIRA**

**RECIFE - PE
2023**

LEANDRO DE SOUSA ALMEIDA

**TRÊS ESPECTROS ASSOMBROSOS:
INÊS DE CASTRO NO ROMANCE HISTÓRICO PORTUGUÊS
DE SEOMARA DA VEIGA FERREIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Dilma Tavares Luciano

Coorientadora: Prof^a Dr^a Valéria Andrade

**RECIFE - PE
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Almeida, Leandro de Sousa.

Três Espectros Assombrosos: Inês de Castro no Romance Histórico Português
de Seomara da Veiga Ferreira / Leandro de Sousa Almeida. - Recife, 2023.
80 p. : il., tab.

Orientadora: Dilma Tavares Luciano / Coorientadora: Valéria Andrade
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

1. Inês de Castro. 2. Seomara da Veiga Ferreira. 3. Romance Histórico. 4. Ensino de
Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio. 5. Sequência Didática. I. Luciano,
Dilma Tavares (Orientação). II. Andrade, Valéria (Coorientação). IV. Título.

860 CDD (22.ed.)

LEANDRO DE SOUSA ALMEIDA

**TRÊS ESPECTROS ASSOMBROSOS:
INÊS DE CASTRO NO ROMANCE HISTÓRICO PORTUGUÊS
DE SEOMARA DA VEIGA FERREIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em: 06/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Dilma Tavares Luciano (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Valéria Andrade (Coorientadora)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

A Deus, “porque d’Ele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas. Glória, pois, a Ele eternamente. Amém” (Romanos 11:36).

À Maria Leonor Machado de Sousa (*i.m*),
figura de maior autoridade no tema Inês
de Castro.

À rainha D. Inês de Castro e ao rei D.
Pedro I de Portugal (*i.m*).

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelos benefícios que me tem feito até aqui, em especial pela realização do sonho de me formar em Letras-Português por uma instituição federal, afim de me qualificar para ser um profissional de excelência e que atribui toda a glória ao Senhor.

A toda família Almeida e amigos, por estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins, me inspirando e apoiando em minha carreira como Professor, a exemplo da minha mãe **Maria de Lourdes de Sousa Almeida**.

À orientadora, a professora Dra. **Dilma Tavares Luciano**, pelo apoio na orientação desse trabalho e por me entusiasmar a viajar além-mar, a transpor fronteiras, olhar para o horizonte e buscar avançar em direção a grandes propósitos. Mesmo não sendo professora de Literatura Portuguesa, desde nosso primeiro encontro na disciplina de *Aprendizagem mediada pelo computador*, eu soube que poderia convidá-la a realizar essa travessia em sua companhia.

À majestosa Prof^a Dr^a **Valéria Andrade**, que nesta ocasião atua como coorientadora, mas que vem me orientando desde a Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Linguagens e Códigos (UFCEG) entre 2013-2017, depois no Mestrado e no Doutorado em Literatura e Interculturalidade (UEPB), respectivamente entre 2019-2021 e 2021-2024. Serei sempre grato por ser minha benfeitora, me ajudando a realizar sonhos na vida profissional e de ingressar na pós-graduação, a fim poder atuar um dia como professor do magistério superior.

Ao engenhoso Prof. Dr. **Marcelo Alves de Barros** (UFCEG), a quem devo imensamente por me inspirar como professor e pesquisador. Sinto que, depois que o conheci no ano de 2016, as minhas pesquisas são conduzidas pelos seus ensinamentos, razão pela qual consigo ser bem sucedido nelas todas.

A toda **equipe de professores** que tive a oportunidade de conhecer durante o curso de Letras – Língua Portuguesa (UFPE), em especial ao membro da banca examinadora deste trabalho, o Prof. Dr. **Flaviano Maciel Vieira**, que contribuiu de maneira generosa para o refinamento desse trabalho.

À Coordenadora do curso de Letras-Língua Portuguesa (UFPE/EAD), a Prof^a Dr^a **Marcela Regina Vasconcelos da Silva Nascimento**, bem como sua vice-coordenadora Prof^a Me. **Nídia Nunes Máximo**, as quais se mostraram profissionais excelentes, sendo sempre atenciosas e prestativas em relação às solicitações na

condição de estudante.

Aos colegas da **turma 2020.2**, pela amizade e apoio mútuo que, com certeza, tornaram mais leve e prazerosa essa jornada acadêmica que começou em tempos de pandemia.

À romancista portuguesa **Seomara da Veiga Ferreira**, pelo romance que me assombra de uma maneira prazerosa. Peço a Deus que nos anais do destino Ele já tenha reservado um momento para que eu possa conhecê-la pessoalmente.

Finalmente, de maneira especial, aos reis **D. Pedro** e **D. Inês de Castro** (*in memoriam*), cuja paixão amorosa confundiu a morte, e até hoje inspira vida para os que leem suas histórias e acreditam no amor verdadeiro, a começar por mim.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 INÊS DE CASTRO: RAINHA <i>POST MORTEM</i> DE PORTUGAL NO SÉCULO XIV	21
1.1 Pedro e Inês: o mito do amor <i>até ao fim do mundo</i>	22
2 NOTAS SOBRE O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO	31
2.1 Da tradição histórica às reinvenções romanescas inesianas de autoria de mulheres	35
3 SOBREVIDAS EM <i>INÊS DE CASTRO: A ESTALAGEM DOS ASSOMBROS</i> DE SEOMARA DA VEIGA FERREIRA	48
3.1 Espectro de bruxa	52
3.2 Espectro de princesa	54
3.3 Espectro de deusa	56
4 INÊS DE CASTRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DO ENSINO MÉDIO	59
4.1 Literatura, ensino e o devir leitoras(es) literárias(os)	59
4.2 Proposta de sequência didática	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76

RESUMO

A monografia apresenta os resultados de uma investigação sobre a representação da figura mito-histórica de D. Inês de Castro, rainha *post mortem* de Portugal do século XIV, no romance histórico português contemporâneo *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (2005), da escritora lisboeta Seomara da Veiga Ferreira. Caracteriza-se como pesquisa bibliográfica com ênfase no caráter de exploração e explicação do fenômeno de (re)inventividade da história de Inês de Castro na produção romanesca inesiana contemporânea de autoria de mulheres portuguesas. Diante da ausência do tema Inês de Castro na sala de aula, justifica-se a imprescindibilidade não só de uma análise do romance, como também da elaboração de uma proposta de abordagem desta obra no âmbito da prática de leitura literária na aula de língua portuguesa e literatura do Ensino Médio, através de uma Sequência Didática para professoras(es). No capítulo (1) *Pedro e Inês: o mito do amor até ao fim do mundo*, apresenta-se uma síntese do enredo histórico, lendário e mítico dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro, tomando como base Almeida (2021), Gil (1975) e Toledo (2008). No capítulo (2) *Notas sobre o Romance Histórico*, apresenta-se o resultado de uma discussão sobre as relações de interseccionalidade entre literatura e história como potencialização do processo de ficcionalização no romance histórico, tendo como base os estudos de Bessa-Luís (1983) e Benjamin (1987). No capítulo (3) *Sobrevidas em Inês de Castro: a Estalagem dos Assombros*, apresenta-se o resultado da investigação concernente à representação de Inês de Castro, elaborando um modo de interpretar a obra à luz do conceito de *sobrevida* de Reis (2017) em torno da teoria da refiguração de personagens literárias e não-literárias, visto que no registro da narradora, D. Beatriz, a presença dos espectros de *bruxa*, *princesa* e *deusa* realizam uma viagem espaciotemporal que reverbera na r(e)inventividade da figura histórica da rainha Inês de Castro. No capítulo (4) *Inês de Castro na aula de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio*, buscou-se contribuir para a aproximação do público escolar da história da realeza portuguesa do século XIV mediada pelo romance histórico, razão que foi elaborada uma Sequência Didática a ser tomada como proposta de recurso pedagógico para os professores do Ensino Médio, tendo como base a BNCC (2018) e os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Palavras-chave: Inês de Castro; Seomara da Veiga Ferreira; Romance Histórico, Ensino de língua e literatura no Ensino Médio; Sequência Didática.

ABSTRACT

The monograph presents the results of an investigation into the representation of the myth-historical figure of D. Inês de Castro, post-mortem queen of Portugal in the 14th century, in the contemporary Portuguese historical novel *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (2005), by Lisbon writer Seomara da Veiga Ferreira. It is characterized as bibliographical research with an emphasis on the character of exploration and explanation of the phenomenon of (re)inventiveness of Inês de Castro's story in contemporary Inesian novelistic production authored by Portuguese women. Given the absence of the Inês de Castro theme in the classroom, the indispensability of not only an analysis of the novel, but also the elaboration of a proposed approach to this work within the scope of literary reading practice in Portuguese language classes and High School literature, through a Didactic Sequence for teachers. In chapter (1) *Pedro and Inês: the myth of love until the end of the world*, a synthesis of the historical, legendary and mythical plot of the loves of D. Pedro and D. Inês de Castro is presented, based on Almeida (2021), Gil (1975) and Toledo (2008). In chapter (2) *Notes on the Historical Novel*, the result of a discussion on the intersectional relationships between literature and history is presented as an enhancement of the fictionalization process in the historical novel, based on the studies of Bessa-Luís (1983) and Benjamin (1987). In chapter (3) *Survival in Inês de Castro: a Estalagem dos Assombros*, the result of the investigation concerning the representation of Inês de Castro is presented, elaborating a way of interpreting the work in light of Reis (2017) concept of survival in around the theory of refiguration of literary and non-literary characters, since in the narrator's record, D. Beatriz, the presence of the specters of witch, princess and goddess carry out a spatiotemporal journey that reverberates in the r(e)inventiveness of the historical figure of Queen Inês de Castro. In chapter (4) *Inês de Castro in the Portuguese Language and Literature class in High School*, we sought to contribute to bringing the school public closer to the history of Portuguese royalty in the 14th century mediated by historical novels, which is why a Didactic Sequence was created to be taken as a proposal for a pedagogical resource for high school teachers, based on the BNCC (2018) and the studies by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004).

Keywords: Inês de Castro; Seomara da Veiga Ferreira; Historical Novel, Teaching language and literature in high school; Following teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mosteiro de Alcobaça	21
Figura 2	Túmulo de D. Inês de Castro	21
Figura 3	Túmulo de D. Pedro I	21
Figura 4	<i>Adivinhas de Pedro Inês</i> (Augustina Bessa-Luís)	39
Figura 5	<i>Memória de Inês de Castro</i> (António Cândido Franco)	40
Figura 6	<i>Inês de Portugal</i> (João Aguiar)	41
Figura 7	<i>Inês de Portugal</i> (João Aguiar)	42
Figura 8	<i>A Rainha Morta e o Rei Saudade</i> (António Cândido Franco)	43
Figura 9	<i>O amor infinito de Pedro e Inês</i> (Luis Rosa)	44
Figura 10	<i>Minha querida Inês</i> (Margarida Rebelo Pinto)	45
Figura 11	<i>Inês</i> (Maria João Fialho Gouveia)	46
Figura 12	<i>Inês de Castro: a estalagem dos assombros</i> (Seomara da Veiga Ferreira)	48
Figura 13	Seomara da Veiga Ferreira em entrevista ao programa <i>Há Conversa</i> , transmitida pelo canal televisivo RTP, em 2010.	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Sequência Didática	62
-----------------	--------------------------	----

Chorei de piedade por Inês, de raiva, de remorso. De dor por Pedro e meus netos, só, nesta alcáçova de Coimbra que é a minha estalagem onde meus assombros me rodeiam, como em todos os outros lugares por onde a minha vida se tem gasto e corrido.

*Inês de Castro – A Estalagem dos Assombros
Seomara da Veiga Ferreira, 2006*

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre figuras míticas representativas de culturas e tradições vem se tornando uma tônica na área dos estudos literários contemporâneos que dialogam com a interculturalidade e a temporalidade, justamente porque essas narrativas míticas ancestrais, se lidas através de uma hermenêutica utópica, podem nos ajudar a lidar com os desafios da atualidade. Nunca a nossa sociedade foi tão carente dos ideais da ancestralidade quanto nos dias atuais, isto é, de um retorno ao passado, da retomada das figuras históricas, lendárias, míticas e heroicas cujos enfrentamentos, vitórias e derrotas dos seus tempos nos parecem servir de exemplo para que possamos catalisar as forças para viver o mundo contemporâneo. Vivemos, pois, dias de esquecimento do passado e avanço desenfreado para um futuro questionável, razão que esse estudo assevera a imprescindibilidade de desenterrar princípios do passado para guiar, por um caminho seguro, a nossa jornada rumo ao futuro.

É nessa perspectiva que venho postulando que prezar pela presença das(os) mortas(os) e dar ouvidos às reverberações múltiplas de suas vozes é, sobremaneira, um achado, um ganho, uma vez que ainda podem ser atuais, inovadoras(es) e até parceiras(os) de interlocução, porquanto, o diálogo simbólico com as(os) mortas(os) engendra possibilidades de inventar o futuro. Em se tratando de uma mulher mítica em particular, D. Inês de Castro, para além de sua condição histórica e memorável de rainha *post mortem* de Portugal do século XIV, faz a passagem para a esfera de além-vida, permanecida na condição de mito imorredouro, que a eleva da tumba à retumbância (ALMEIDA, 2021).

Nas últimas décadas, tem-se observado que a presença perene de D. Inês de Castro nos estudos literários portugueses contemporâneos vem contribuindo para a formalização de um campo investigativo de temática inesiana na grande área de <Linguística, Letras e Artes> que perpassa as dimensões históricas, lendárias e míticas sobre a rainha coroada morta. No entanto, é preciso lembrar que uma significativa parcela desses estudos tem evidenciado uma análise do protagonismo de D. Pedro I de Portugal como narrador e/ou voz condutora do enredo.

Diante deste cenário em que se observa uma representativa sujeição de D. Inês de Castro ao heroísmo de D. Pedro I, mesmo figurada na voz narrativa, elenco a necessidade de investigar em quais romances históricos portugueses

contemporâneos podemos encontrar a voz narrativa de uma mulher que reverbera e/ou conduz o enredo, a fim de analisar a representação da figura D. Inês de Castro na perspectiva da voz feminina, isto é, D. Beatriz (mãe do infante D. Pedro e rainha regente).

Outros estudos nessa perspectiva de interesse vêm ressaltando as virtudes das incursões no universo romanesco inesiano, a exemplo da pesquisadora Aldinida de Medeiros Souza, que em sua tese *Inês de Castro no romance contemporâneo português* (SOUZA, 2010), buscou elaborar um inventário da representação da rainha em romances. Esse e outros estudos podem ser tomados como ponto de partida para uma investigação mais específica no tocante a autoria de mulheres romancistas.

Para se realizar essa incursão no universo romanesco inesiano de autoras portuguesas, cabe articular uma discussão sobre as interfaces entre Literatura e História, sobretudo, como essas duas áreas contribuem com a elevação do mito português de D. Inês de Castro da tradição histórico-lendária para as reinvenções romanescas do mito na forma do romance histórico português contemporâneo de autoria de mulheres.

Além da discussão relativa à figura mítica de D. Inês de Castro nos romances portugueses contemporâneos, é imprescindível dizer que, frente aos estudos de literatura portuguesa realizados no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa e/ou Literatura no Ensino Médio das escolas brasileiras, pouco se fala da história desta rainha tão importante para a consolidação da identidade artística, literária e cultural da nação portuguesa.

Não por acaso, o autor Haquira Osakabe denomina Portugal como *A Pátria de Inês* (OSAKABE, 1998), razão que desde a Idade Média o país cultiva o lema do amor e da saudade. Por isso mesmo, é importante que as(os) alunas(os) desse nível de escolaridade possam conhecer marcos importantes da história e da cultura de Portugal por meio de sua literatura, a exemplo da história de D. Pedro e D. Inês de Castro, possivelmente lida na sala de aula de Língua Portuguesa e/ou Literatura.

Por estas razões, é imprescindível que a história de Inês de Castro seja conhecida pelas(os) alunas(os) da educação básica, em particular, do Ensino Médio, em que deve haver, conforme indicações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), um trabalho mais sistemático de ensino-aprendizagem de literatura portuguesa.

Diante da importância do ensino de literatura mediante o viés da leitura literária, a BNCC evidencia de maneira acentuada a abordagem da leitura e da análise de obras literárias para que as(os) alunas(os) tenham conhecimento sobre as(os) autoras(es), contexto de produção, impactos sociais, políticos, culturais e artísticos das obras etc. No campo artístico-literário, buscam-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação das(os) leitoras(es) literárias(os) e do desenvolvimento da fruição, a análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos (BNCC, 2018).

O presente trabalho partiu de duas questões norteadoras: (1) de que maneira o mito da rainha D. Inês de Castro está representado no romance *Inês de Castro – A Estalagem dos Assombros* (FERREIRA, 2006) e (2) como este romance histórico português contemporâneo pode ser trabalhado na aula de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio? Essas duas questões puderam incutir o desejo pela investigação, razão que nos pontos a seguir apresento possibilidades de resposta aos dois problemas de pesquisa.

- 1) A investigação sobre a representação do mito de Inês de Castro ajuda-nos a levantar a hipótese de que essa figura histórico-mítica vem a ser reinventada no romance histórico português contemporâneo, a fim de ampliar sua imagética por meio de procedimentos estéticos da escrita romanesca de autoria de mulher em Portugal. Para realizar esse debate, busquei abordar questões concernentes às narrativas romanescas que simbolicamente levantam do túmulo da tradição historicista e, posteriormente lendária, a possibilidade de engendrar narrativas renovadas, ressignificadas e (re)fabuladas, em diálogo com a fortuna criativa luso-romanesca inesiana já produzida, resultante da experiência com a contemporaneidade, ao passo que contribui para a perpetuação do mito na reinvenção da tradição. As teorias da (re)figuração de personagens literárias(os) e não-literárias(os) pensada pelo autor português Carlos Reis (2017), faz vir à lume o conceito de *sobrevida*, que pode iluminar o entendimento sobre processos de ficcionalização de personagens históricas(os), a ponto de reinventá-las(os) mediante recursos estéticos do fazer literário, pelo que concebo as adaptações do mito de D.

Inês de Castro como reverberações do espectro mítico imorredouro de Inês que realiza uma viagem espaciotemporal através das culturas.

- 2) A investigação sobre as possibilidades de mediação de leitura do romance *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* a serem desenvolvidas pelas(os) professoras(es) de Língua Portuguesa e/ou Literatura no Ensino Médio, com base nas orientações da BNCC relativamente ao ensino de literatura para este nível de ensino, dão suporte para a elaboração de uma Sequência Didática. Esse instrumento didático agrega um conjunto de atividades escolares estruturadas e ligadas entre si, personalizadas pelas(os) docentes para serem executadas à luz de procedimentos pedagógicos relativos ao ensino-aprendizagem de um conteúdo, de modo a seguir etapas, a fim de alcançar objetivos de aprendizagem junto às(aos) alunas(os) (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Concebida como recurso didático, portanto, a sequência didática poderá servir de apoio para as(os) docentes a fim de que realizem uma atividade dirigida com o tema Inês de Castro como pano de fundo de uma discussão sobre a história de Portugal do século XIV.

Enfatizo a justificativa de que a investigação sobre o mito de Inês de Castro no romance histórico português contemporâneo de autoria de mulheres contribui para o campo dos estudos literários de temática inesiana no âmbito da literatura portuguesa no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Sendo acadêmico da área de Letras, com particular interesse em Literatura Portuguesa, acredito que esse estudo pode me proporcionar maior aprofundamento no tema Inês de Castro.

Assim, ler, analisar e tecer considerações críticas sobre o romance *Inês de Castro: a estalagem dos assombros*, da escritora portuguesa Seomara da Veiga Ferreira, contribui para a continuidade dos meus estudos entorno da história mítica da rainha Inês de Castro do século XIV, que veio a ser objeto de estudo de meu interesse desde 2018, quando, na altura, pude colaborar na pesquisa *Inês&Nós: ler e dizer o mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil*, desenvolvida pela pesquisadora Valéria Andrade nos anos de 2018-2019, no âmbito do *Advanced Research in Utopian Studies Post-*

doc (ARUS) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) (ANDRADE, 2021).

A partir dessa atuação como colaborador, me senti inspirado a realizar, durante os anos de 2019-2021, no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), a pesquisa *Inês&Nós: uma aplicação do Método LerAtos na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro* (ALMEIDA, 2021). Além de ter realizado a pesquisa aprovada com grau de distinção conforme o parecer via ata de defesa com a descrição “aprovado com encaminhamento para a publicação”, a dissertação resultante desta pesquisa venceu o 1º Prêmio UEPB de Dissertações e Teses Rosilda Alves Bezerra¹ na grande área de <Linguística, Letras e Artes>, conferido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com direito a certificado e encaminhamento da dissertação para a publicação em livro pela EDUEPB.

As duas pesquisas supracitadas corroboraram na produção da coletânea literária intercultural *Inês&Nós: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro* (2022), publicada pela Editora da UEPB (EDUEPB) com a minha coorganização junto a professoras(es) pesquisadoras(es) do Brasil – Valéria Andrade (PPGLI/UEPB; CDSA/UFCG), Marcelo Barros (CEEI/UFCG), Rafael Barros (PPGLI/UEPB; SEDUC/Sumé-PB) – e de Portugal – Lurdes Ferreira (FLUP/U.PORTO; Agrupamento de Escolas de Valongo), Manuel Neves (Escola de Educação Superior de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa; Agrupamento de Escolas de Pinhel) –. A obra ainda conta com apresentação escrita pelo pesquisador português Jorge Pereira de Sampaio, membro da *Academia Portuguesa da História*.

Desde então, venho a me interessar ainda mais pelo mito de Inês de Castro, razão pela qual tenho apresentado os resultados dos meus estudos em eventos científicos em Portugal e no Brasil, e publicado em coautoria com pesquisadoras(es) portuguesas(es) e brasileiras(os) especialistas no tema Inês de Castro.

A presente pesquisa se constitui numa investigação cujas etapas são descritas por meio de objetivos sistematizados a fim de pontuar o caminho percorrido durante o estudo. O objetivo geral foi investigar a representação da figura histórico-mítica de Inês de Castro no romance histórico português *Inês de Castro: a*

¹ Cf. matéria que registra a solenidade de entrega do prêmio durante o 2º Congresso Universitário da UEPB/2022. Disponível em: <https://abrir.link/Rdsls> . Acessado em 29/11/2022.

estalagem dos assombros, de Seomara da Veiga Ferreira. Quanto aos objetivos específicos:

- 1) Ler, pesquisar e escrever sobre a trajetória da rainha D. Inês de Castro de Portugal na travessia da história para a lenda e para o mito.
- 2) Discutir sobre a presença da rainha Inês de Castro nos romances históricos português contemporâneos, evidenciando a produção romanesca de autoria de mulheres.
- 3) Analisar e sistematizar os Três Espectros Assombrosos que constituem as personificações reinventivas de D. Inês de Castro empreendidas no romance português de Seomara da Veiga Ferreira.
- 4) Elaborar uma Sequência Didática para as(os) professoras(es) como proposta de mediação de leitura do romance histórico inesiano na aula de Literatura e/ou Língua Portuguesas do Ensino Médio.

Sabe-se que pesquisas baseadas em revisão bibliográfica podem se restringir a uma meta-análise de material bibliográfico publicado e concebido como fontes secundárias, a exemplo de documentos históricos, textos acadêmicos, obras literárias etc. O caminho metodológico desse estudo passa pela discussão sobre pesquisa explicativa, acesso a fontes secundárias para discussão conceitual e abordagem qualitativa para o tratamento dos resultados e discussões.

Essa investigação se constitui enquanto pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Sabemos que as pesquisas sobre ideias, bem como aquelas que se prestam a investigar as diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

O estudo se caracteriza como pesquisa explicativa, que tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. Esta pesquisa bibliográfica tem como base a leitura interpretativa, dado que procura conferir significado mais amplo aos resultados

obtidos com a leitura analítica. Enquanto nesta última, por mais bem elaborada que seja, as(os) pesquisadoras(es) fixam-se nos dados, na leitura interpretativa, vai além deles, mediante sua ligação com outros conhecimentos já obtidos (GIL, 2002).

A pesquisa trata de diferentes pontos de vista com relação à interpretação dos dados obtidos, pois, como aponta Gil (2002), o procedimento de interpretação dos dados é realizado a partir do diálogo entre resultados obtidos e os referenciais teóricos anteriormente tomados como base e com cujas(os) autoras(es) se dialoga durante o estudo.

Particularmente, a investigação que se realiza nesse estudo se pauta em uma revisão bibliográfica que considera as etapas de (1) leitura, (2) interpretação, (3) análise crítica e (4) escrita monográfica e (5) elaboração da sequência didática à luz da investigação em torno do romance *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (2006), da escritora portuguesa Seomara da Veiga Ferreira. As etapas que compreendem o percurso de coleta e análise dos dados da pesquisa bibliográfica são:

- 1) Leitura: atividade de fruição estética a partir da leitura do romance a fim de conhecê-lo como um todo.
- 2) Interpretação: atividade de compreensão do romance para perceber suas nuances, seus detalhes implícitos e explícitos, levando em consideração o contexto de produção em que a autora está inserida.
- 3) Análise crítica: atividade investigativa e reflexiva a respeito de uma obra, considerando os seus aspectos positivos e negativos dentro de um contexto e tendo como base as ideias de outras(os) autoras(es), a fim de postular hipóteses, comparar e confrontar ideias e elaborar novas interpretações.
- 4) Escrita monográfica: atividade de escrita sistemática a fim de compor um material bibliográfico na forma trabalho de conclusão de curso. A escrita decorre de atividades de pesquisa durante o semestre em curso a fim de aprofundar-se na área temática e no objeto de pesquisa.
- 5) Elaboração de sequência didática: material de apoio para as(os) professoras(es) realizarem uma mediação de leitura do romance na aula de Literatura e/ou Língua Portuguesa do Ensino Médio.

A revisão bibliográfica constitui a abordagem investigativa desse estudo em torno do romance histórico português contemporâneo *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros*, da escritora lisboeta Seomara da Veiga Ferreira.

No capítulo **(1) Pedro e Inês: o mito do amor até ao fim do mundo**, apresento uma síntese do enredo histórico-mítico dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro. Em se tratando de um caso não muito conhecido no cenário social e mesmo acadêmico brasileiro, se fez necessário desenvolver uma contação dos principais fatos e fábulas que orbitam em torno do caso da rainha Inês de Castro, estrategicamente apoiado em Almeida (2021), Gil (1975) e Toledo (2008).

No capítulo **(2) Notas sobre o Romance Histórico**, se discute esse conceito a partir da relação entre literatura e história, atravessando as postulações teóricas de diferentes autoras(es), a exemplo de Augustina Bessa-Luís (1983) e Benjamin (1987). Sabemos que o episódio inesiano foi um marco histórico na nação portuguesa e que reverbera até aos dias de hoje, por isso ser imprescindível observar como um caso verídico vem a inspirar autoras(es) de obras literárias, particularmente romancistas, a recriarem e ampliarem os acontecimentos no território literário, da imaginação e do mito.

No capítulo **(3) Sobrevidas em Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros**, se apresenta os resultados da investigação concernente à representação de Inês de Castro neste romance de Seomara da Veiga Ferreira, especialmente elaborando um modo de interpretar o romance ao perceber no registro da narradora, D. Beatriz, as sobrevidas (REIS, 2017) dos espectros de bruxa, princesa e deusa, atuando como entidades que realizam uma viagem espaciotemporal a ponto de reverberar na (re)figuração da personagem da rainha Inês de Castro.

Por seu turno, em **(4) Inês de castro na aula de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio**, busquei contribuir para a aproximação do público escolar da história da realeza portuguesa do século XIV mediada pelo romance histórico, razão que foi elaborada uma Sequência Didática a ser tomada como proposta de recurso pedagógico para as(os) professoras(es) de Literatura e/ou Língua Portuguesas do Ensino Médio, tomando como base procedimentos de elaboração, estrutura e execução propostos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

1 INÊS DE CASTRO: RAINHA *POST MORTEM* DE PORTUGAL NO SÉCULO XIV

*O caso triste e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha*

Os Lusíadas
Luís de Camões

Muitas(os) foram as mulheres(homens) historiadoras(es) e poet(is)as que recontaram a história de Inês de Castro durante esses mais de seis séculos desde a sua morte, razão que nos dias de hoje o episódio inesiano ainda nos assombra, senão, nos inspira a extrair da história de vida e morte dessa heroína, ensinamentos que podem redefinir o cenário atual no tocante às relações de pares amorosos e projetar um futuro melhor.

O relato que segue neste primeiro capítulo, pode ser compreendido como estratégia alternativa de revisão e atualização dos dados coletados durante a pesquisa *Inês&Nós: uma aplicação do Método LerAto na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro* (ALMEIDA, 2021), que desenvolvi entre 2019-2021 no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), pelo que oportunamente retomo a discussão com o intuito de dar visibilidade a este caso de amor, morte e saudade.

Inspirado e motivado a nos inspirar sobre as potencialidades do maior de todos os sentimentos, o escritor português Afonso Cruz destaca que:

O amor faz mexer toneladas de pedra. Por isso, ainda tenho esperança de que tenha alguma influência no calcário do teu coração. E só por isso, dediquei uma vida a medir os milímetros de que separam os amores mortos. **Se o amor faz mover as pedras, tenha certeza de que fará milagres no túmulo que é o teu coração.** E um dia, esse musculo fará um gesto. Talvez milímetros. Uma leve inclinação sentimental. Te faça aparecer em minha casa com uma caixa de café, com uma garrafa de vinho, e isso seja uma eternidade que nenhuma régua poderá medir. O amor faz mexer toneladas de pedra (CRUZ, 2015, s/p, grifo meu).

O enxerto do romance *Flores* (CRUZ, 2015)², do escritor português Afonso Cruz, que fez parte do espetáculo *Murmúrios de Pedro e Inês* (2019)³, nos leva a pensar sobre a imponente do amor cujo poder é capaz de remover toneladas de pedras e, sobre estas, não cremos tão somente que consistem em fragmentos de rocha, senão que sejam tudo aquilo que atravança o amor de alcançar sua plenitude. A guisa de exemplo, pedras como o machismo, o preconceito de gênero, a intolerância religiosa, o racismo etc., ainda hoje, no século XXI, devem ser removidas do caminho, isto é, da jornada de mulheres e homens em comprometimento com o fruir da vida em abundância.

Para problematizarmos sobre questões tão pertinentes quanto as relações de gênero na contemporaneidade, busquei pensar a partir de uma história que há seis séculos foi concebida como a mais linda e romântica de todas – podendo ser lida como um Conto de Fadas –, bem como a mais horrenda e sanguinária – podendo ser lida como uma tragédia.

Trata-se de uma história de amor que não se concebe hermeticamente pela razão científica, pela religião, pela política ou pela arte, por mais que, de fato, se tem feito vorazmente há séculos. Outrossim, que se concebe por meio do próprio exercício da amorosidade, na sua dimensão holística, que atravessa todas as áreas da vida (ALMEIDA, 2021).

1.1 Pedro e Inês: o mito do amor até ao fim do mundo

Fundado em 1152, o Mosteiro de Alcobaça, conhecido como Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, é um complexo religioso situado na cidade de Alcobaça, no distrito de Leiria na região do Centro, em Portugal. Nele estão dois luxuosos túmulos de pedra que estão postos frente a frente, pés contra pés. São os túmulos de D. Pedro, rei de Portugal, e de D. Inês de Castro, os mais conhecidos amantes portugueses do século XIV. Observe as figuras a seguir:

² CRUZ, Afonso. **Flores**. Companhia das Letras, 2015.

³ Cf. *MURMÚRIOS de Pedro e Inês*. Dança em Diálogos - YouTube, 13 de outubro de 2019 (01m22s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uOMbh6w_hx8. Acessado em 27/10/2022. Espetáculo de dança que narra a história de Pedro e Inês através do ballet, incorporando a música contemporânea com o som poético da língua portuguesa. Direção artística de Solange Melo, Fernando Duarte; Coreografia de Fernando Duarte; Música de Bernardo Sassetti, Fernando Lopes-Graça; Texto de Afonso Cruz; Figurino de José António Tenente e interpretação de Solange Melo e Fernando Duarte.

Figura 1 – Mosteiro de Alcobaça.



Fonte: <https://portugaltravelguide.com/alcobaca/>

Figura 2 – Túmulo de D. Inês de Castro.



Fonte: <https://abre.ai/qXyy>

Figura 3 – Túmulo de D. Pedro I.



Fonte: <https://abre.ai/qXyA>

Como consta na tradição da narrativa mito-histórica, ou seja, a partir da leitura de uma porção significativa da fortuna histórica e literária que tematiza o caso desse célebre par amoroso, D. Pedro, herdeiro do reino, se apaixonou por uma dama de companhia da sua esposa D. Constança Manuel, a galega D. Inês de Castro. Constança era filha de D. João Manuel de Castela – príncipe de Vilhena e Escalona, duque de Penafiel e tutor de Afonso XI de Castela. Inês, por sua vez, era uma mulher lindíssima, pelo que tinha olhos de esmeralda e cabelos dourados. Não era exagero quando a chamavam de “Colo de Garça”, por assemelhar-se a tal ave de beleza deslumbrante, de postura elegante e pescoço esguio.

A crítica de literatura portuguesa Maria Emilia Miranda de Toledo, especialmente no estudo *Razões de Estado x Razões de Amor na tragédia Castro, de Antônio Ferreira* (TOLEDO, 2008), afirma que:

Aliada à beleza, Inês ainda ostentava extrema elegância, o que lhe valeu o cognome de “**colo de garça**”. Esses atributos todos despertaram no príncipe uma arrebatadora paixão. Pedro passou, então, a manter com ela um romance, que perdurou por dez anos após a morte de D. Constança (TOLEDO, 2008, p.117-118, grifo meu).

A fim de ilustrar a evidência da exaltação à bela da galega por parte das romancistas contemporâneas, a escritora espanhola María Pilar Queralt del Hierro, no romance *Inês de Castro* (HIERRO, 2005), dá voz a uma ama cuidadora de Inês, a qual declara em tom solene aquilo que o destino se encarregaria de tornar real pelo vaticínio de suas palavras, isto é: “um príncipe amarar-te-á pelo teu colo de garça e pelos teus cabelos loiros e as tuas fontes virão a ser cingidas por uma coroa real” (HIERRO, 2005, p.28).

A partir dos estudos realizados por historiadores interessados na temática inesiana, a exemplo do célebre cronista Fernão Lopes (1380-1460), que escreveu a *Chronica de El-rei Dom Pedro I (1440 e 1450)*, ou mesmo um historiador mais atual como o português A. Pedro Gil, que escreveu *Os grandes julgamentos da história: o processo de D. Inês de Castro* (GIL, 1975), ficamos sabendo de diversos conflitos protagonizados pela família real portuguesa da época, cujas notícias não puderam ficar presas nas recâmaras.

É por isso que tomamos nota de que a bela Inês era filha de D. Pedro Fernandes de Castro, mordomo-mor do rei D. Afonso XI de Castela, com a dama portuguesa Aldonça Lourenço de Valadares. No entanto, tal mancebia era mal

concebida pela corte portuguesa, a qual tinha receio de que o futuro rei de Portugal ascendesse a família castelhana de Inês, visto que seu pai era um dos fidalgos mais poderosos do reino de Castela, bem como seus irmãos, D. Fernando de Castro e D. Álvaro Perez de Castro, os quais eram influentes na corte castelhana, além de terem a prestigiosa amizade do príncipe D. Pedro.

Desse modo, a “Castro” representava, para o então rei D. Afonso IV – antepenúltimo rei da dinastia de Borgonha –, ameaça à corte portuguesa, isto é, um estratagema arquitetado por Castela para tomada do reino. Na acepção da já citada Emilia Toledo (2008):

Os amores de Pedro e Inês, a essa altura, transcendiam a simples escândalo familiar para constituir um iminente perigo para a estabilidade do Reino. Temia o rei pela sorte de seu neto legítimo D. Fernando, herdeiro do trono, por morte de D. Pedro, **temor que advinha do crescente domínio dos Castros** sobre o ânimo do príncipe. Intriguistas e megalômanos poderiam induzir o Infante a um mau reinado e, sem escrúpulos, se desfariam do frágil Fernando, para que um de seus sobrinhos, filhos de Inês, assumisse o trono português (TOLEDO, 2008, p. 119, grifo meu).

Ciente da eminente atração dos amantes que já se fazia notícia entre o séquito real e clerezia, estrategicamente D. Constança Manuel convida D. Inês de Castro para ser madrinha do infante D. Luís, fruto de seu casamento com o príncipe, pois era sabedora de que esse vínculo sagrado os tornaria imprudentes diante da lei de Deus reproduzida pela tradição da igreja. No entanto, o infante morre com poucos dias de nascido, cortando, portanto, os laços de parentesco religioso entre D. Pedro e D. Inês de Castro, o que enfraquece os esforços da legítima esposa, inclusive, a deixando debilitada em saúde.

Intervindo contra o perigoso romance, o rei exila D. Inês de Castro no castelo de Albuquerque, na fronteira castelhana, lugar onde passa a ser criada por pessoas do seu séquito, a exemplo da sua tia D. Teresa, em 1344. Diante do que se sabe, os amores de Pedro e Inês puderam vencer a distância, não sendo esse o impedimento da iminente poderosa ligação amorosa. Em decorrência, D. Constança morre por razões de doença em 1345, embora alguns historiadores evidenciem sua enfermidade como sendo decorrente do camarço pela traição do seu marido com sua melhor amiga, o que coadjuvou para que D. Pedro pudesse viver com D. Inês de Castro.

Estando o infante de Portugal livre de seus múnus matrimoniais e votos religiosos frente às delegações do casamento com a falecida esposa castelhana, os amantes se veem absolvidos do sentimento de culpa decorrente do romance proibido, cuja ilibação exacerba ainda mais sua flama paixão, o que resultada no nascimento de quatro infantes: Afonso, que morreu em 1346 ulteriormente ao nascer, João em 1349, Dinis em 1354 e Beatriz em 1347, causando demasiada consternação ao monarca D. Afonso IV.

Com toda sua cólera canalizada na “Castro”, em 7 de janeiro de 1355, valendo-se da ausência do príncipe D. Pedro, que tinha o cacoete campestre de caçar, o monarca D. Afonso IV, sob a persuasão de seus três fidalgos conselheiros, ordena a execução de D. Inês de Castro, sob a alegação de alta traição à nação e à corte portuguesa. Sendo assim, segundo o relato do historiador A. Pedro Gil, a galega D. Inês de Castro “foi degolada pela garganta, pormenor que assinala uma execução em tudo conforme aos costumes da época, pois essa era a forma honrosa das execuções capitais, e com tal reservada aos membros da nobreza” (GIL, 1975, p. 15-16).

A romancista portuguesa Seomara da Veiga Ferreira, em seu romance histórico *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (FERREIRA, 2006)⁴, reforça esse fato histórico por meio do relato da narradora D. Beatriz, rainha de Portugal, que está em conversa confidencial com sua serva Maria Miguez, carinhosamente chamada de Dona Doce, para quem descreve a seguinte cena de execução:

E ela lutou, Dona Doce, lutou desesperadamente. Arranhou-os, mordeu-os, defendeu-se como pôde, chorando, um choro prolongado quase animal, sentido, já sem a força do terror, como sucede com os animais que a caça abate e desfalecem antes do minuto final. Eles empurraram-na e ela, desemparrada, começou a tombar. Nesse momento, como um raio, o algoz deu um passo, fazendo encolher acima do joelho o curto saio de cabedal de seu vestido, e **cortou-lhe a cabeça com a afiada espada, num só golpe, de lado, do lado direito**. Ela ainda tentou proteger a face com a mão direita que ficou também decepada. A cabeça de lindos cabelos cor do Sol caiu de pé, como por milagre de equilíbrio, sobre o pescoço de onde brotava um caldal quente, espumoso e vermelho (FERREIRA, 2006, p.86, grifo meu).

O cruel episódio se passou onde residia, em Santa Clara, em Coimbra, lugar posteriormente conhecido como *Quinta das Lágrimas*, onde estivera na companhia

⁴ FERREIRA, Seomara da Veiga. *Inês de Castro - A Estalagem dos Assombros*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

de seus infantes. A fantasia mítica potencializada pela estética literária tornou “floreada”⁵ a história, notadamente ao dizer que as ninfas do Mondego, rio de Portugal, lugar onde se encontravam os amantes e lar da segunda família de D. Pedro, se encarregaram de chorar a morte e a memória daquela que fora a deusa daquele rio de lágrimas eternas que, misturadas ao seu sangue escorrido na fonte dos encontros amorosos – *Fonte dos Amores* –, perpetuam a memória do infortúnio pela ornamentação das mágicas algas carmesins.

Sobre a relação do par amoroso com a fonte dos amores, o célebre escritor português Luís Vaz de Camões escreve/canta sua fantasiosa versão (ou reinvenção) no Canto III dedicado a Inês de Castro da sua epopeia *Os Lusíadas*⁶, conforme ilustra o trecho a seguir:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo **chorando** memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As **lágrimas** choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que ainda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que **lágrimas são a água** e nome Amores
(CAMÕES, 2002, p.51, grifos meu).

Este crime de assassinato, que nos dias atuais podemos conceber como feminicídio, visto que a execução é impetrada por um homem contra uma mulher pelo simples fato de ser uma mulher, provoca a revolta do infante D. Pedro contra o monarca D. Afonso IV, razão que se inicia uma guerra civil entre pai e filho, tendo o príncipe apoio dos irmãos de Inês de Castro e outros soldados galegos. Nesse sentido, o historiador português A. Pedro Gil (1975) afirma que:

Quando o infante D. Pedro teve conhecimento da morte de D. Inês de Castro, a sua indignação não teve limites. Sem demora, **disposto a abrir guerra civil, levantou uma hoste**, se é que se pode dar esse nome a uma estranha mescla em que havia de tudo: soldados galegos trazidos pelos irmãos de Inês de Castro, homens-de-armas dos seus partidários portugueses, e até malfeitores que se lhe ofereceram na esperança de benefício. O infante concentrou essas forças ao norte do Douro, região onde ficavam situadas as terras dos principais conselheiros do pai, e passou a assolá-las, feito que veio pôr cerco ao Porto, na intenção de fazer dessa cidade centro da sua rebelião (GIL, 1975, p.16, grifo meu).

⁵ Termo utilizado pelo poeta brasileiro Fábio Sombra em *A história de Inês de Castro ou dama lourinha que, depois de morta, virou rainha*. Texto e ilustrações de Fábio Sombra. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

⁶ CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. Série bom livro – Poesia. Apresentação, seleção e notas Carlos Felipe Moisés. 10ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

Ao cessar da guerra, inclusive por intervenção da rainha D. Beatriz em apaziguamento, se estabelece o armistício. Tendo o rei morrido em 28 de maio de 1357, o condóido príncipe ascende ao trono e, após assumir o império, o então rei D. Pedro I persegue os três assassinos de D. Inês de Castro, a saber: Álvaro Gonçalves, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco. Como se sabe, os dois primeiros estavam refugiados em Castela, mas por troca de presos políticos D. Pedro faz um tratado de extradição com D. Pedro de Castela para fazer a troca.

Assim, foram capturados e executados, sendo-lhes extirpados os corações, um pelas costas, outro pelo peito e depois queimados, pelo que os gritos agonizantes dos assassinos foram, para o justiceiro D. Pedro, como um salmo aos ouvidos, uma trova à concretude de sua vingança. A execução se dava enquanto o desolado príncipe estava a comer um banquete, por isso a fama de “o cru” e/ou “o justiceiro”. Disfarçado, o terceiro conselheiro conseguiu fugir para França, de quem não se obteve notícias.

Em decorrência, o corpo de D. Inês de Castro foi, por intervenção de D. Pedro, trasladado de sua campa rasa no Mosteiro de Santa Clara-a-velha de Coimbra para o rico túmulo de calcário no Mosteiro de Alcobaça (1362), itinerário este, descrito por Toledo (2008):

Do Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, para Alcobaça, numa extensão de 17 léguas, **o corpo de Inês foi trasladado por entre círios acesos e acompanhado por fidalgos, donzelas e “muita clerezia”**. O corpo da amada baixou sepultura acompanhado de missa e de grande solenidade. E foi a mais honrada transladação que até aquele tempo em Portugal fora vista (TOLEDO, 2008, p.123, grifo meu).

Tamanha era a saudade sentida pelo desolado D. Pedro que, por não aceitar a maldição que estivera sujeito em razão da separação de sua adorável amante, seis anos depois de sua morte, a levanta da sepultura. Como último ato de ousadia e movido pelos sentimentos simultâneos de saudade, vingança e heroísmo, impõe que a clerezia, as(os) nobres da corte e demais portuguesas(es) sejam obrigadas(os) a demonstrar honras a D. Inês de Castro, a quem coroa rainha, as(os) obrigando a prestarem solenidade de beija-mão em cortejo ao seu cadáver instalado no trono, sob a pena de morte a qualquer português contrário à ascensão da nova rainha de Portugal.

Esse provável cerimonial de beija-mão é um enigma, sendo assim, a solução reafirmada por Gil (1975) explica sua origem por obra das(os) poetisas:

Antônio de Vasconcelos já nos explicou com esta fantasia da coroação e do beija-mão só apareceu muito mais tarde, em 1577, quando o escritor castelhano Fr. Jerônimo Bermudez deu largas à imaginação, para a exposição de cenas téticas [...]. As fantasias referidas entraram depois em Portugal pela mão do escritor ludofilipista Manuel de Faria e Sousa (GIL, 1975, p. 24).

Assim, antes de sua morte, reza a lenda, baseada na descrição do cronista português Fernão Lopes (1380-1460), em *Chronica de El-rei Dom Pedro I (1440 e 1450)*, que o conde D. Pedro estabelece seu túmulo frente ao de sua amada, para que, ao soar das trombetas do juízo final, instante em que, ao ressuscitarem, se levantarão e olharão um para o outro, dando continuidade infinita e eterna ao amor que lhes tivera sido interrompido, conforme inscrito nas crônicas do túmulo de D. Pedro: “A:E:AFIN:DOMUDO” (Até ao fim do mundo).

A escritora portuguesa Seomara da Veiga Ferreira, no romance *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (FERREIRA, 2006), pela voz da narradora D. Beatriz – mãe de D. Pedro –, faz sua interpretação da escritura tumular:

Sim, era o seu derradeiro testamento. Ali estava ele, depois de tudo consumado, à espera do fim do mundo? A ressurreição final? Por que não? AQUI ESPERO AFIN DO MUNDO? Não. Mais do que isso. Ele pede, e pede a ela: ACOMPANHA-ME EM ATÉ A FIM DO MUNDO. É mais que um epitáfio. É um poema, um cantar que nem D. Diniz conseguiu compor. É a busca, o desejo de eternidade, do encontro final, no amplexo definitivo nos braços de Deus (FERREIRA, 2006, p.120).

De mesmo modo, o escritor português João Aguiar, no romance *Inês de Portugal* (AGUIAR, 1999), frisara tal imprecisão das palavras do príncipe: “roubaram-te de mim, Inês, mas não sabiam que assim mesmo te punham para sempre em mim. Para sempre, até ao fim do mundo” (AGUIAR, 1999, p. 39).

Destarte, o mito dos trágicos amores de Pedro e Inês foi consagrado em romance de pedras tumulares em Alcobaça, pedras que edificaram um trono eterno, entronizando a audaciosa fidelidade de amor do príncipe à sua amante. Como se percebeu, os respectivos relatos estão, de forma imbricada, contidos nas narrativas históricas e míticas, isto é, algumas descrições apresentam comprovações verídicas e documentais, outros consistem em fabulação e devaneio das(os) românicas(os) poetisas.

Como se sabe, essa história de amor trágico remove toneladas de pedras espaço-temporais, cuja força e alcance imponente ultrapassou épocas e culturas, sendo reedificada nas múltiplas estéticas contemporâneas. Neste sentido, nos propomos observar e tecer considerações sobre a vívida presença (re)inventiva do mito de Inês de Castro no Romance Histórico Contemporâneo a partir de uma compreensão da fortuna e do próspero repertório luso-romanesco inesiano.

2 NOTAS SOBRE O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO

A única coisa que devemos à história é a tarefa de reescrevê-la

Oscar Wilde

Desde o século XVIII, empreendido pelo escritor britânico Walter Scott, o *romance histórico* fora cunhado se ramificando a partir da sua forma romanesca tradicional, devido à necessidade de incorporar demandas histórico-sociais, atualizando a essência de sua narrativa, adicionando elementos da prosa de ficção que se relacionam às épocas e espaços temporais distintos.

Desde a segunda metade do século XX, o *romance histórico contemporâneo* ascendeu em contraste com outras formas do romance histórico tradicional/clássico, visto que a contemporaneidade pôde ser melhor representada a partir do seu estilo, principalmente no que diz respeito à imbricação entre os fatos históricos e a ficção criativa com a qual as narrativas historiográficas se fundem.

Se desvencilhando de sua natureza sentimental universalizante em louvor aos costumes burgueses em ascensão de valores europeus, o romance histórico contemporâneo passa a se descentralizar, cuja reconfiguração passa a congregar o espírito das singularidades e coletividades múltiplas, o que fica evidente concernente à participação das vozes das classes inferiores, ou seja, as subjetividades historicamente silenciadas.

Assim sendo, mesmo constituindo-se como uma nova forma poética narrativa devido aos seus aspectos de (re)inventividade subjetiva, o romance histórico contemporâneo é devedor à sua antiga forma, mesmo que com ela estabeleça linhas de continuidade inexoravelmente progressiva ou espaços de intrépida ruptura.

Neste sentido, é importante considerar as implicações da fusão que resulta no romance histórico contemporâneo, pois, como concebeu Pedro Brum Santos, em *Teorias do romance: relações entre ficção e história* (1996), sendo essa forma do romance constituído de elementos historiográficos, portanto, História e Literatura se imbricam e se relacionam, visto que a forma do romance passa a dividir com historiografia a função de organizar os fatos em uma ordem discursiva e dialógica, isto é, na eleição dos eventos que se pretende contar, aproximando-se, portanto, da caracterização do fazer historiográfico.

Desta feita, considerando que a história é uma reconstrução imaginativa do passado feita no presente, na acepção de Antônio Roberto Esteves, em *Narrativas de extração histórica: sob o signo do hibridismo* (2010), é possível destacar que:

Por mais objetividade que tenhamos, estamos sempre fazendo uma **releitura dos fatos** que, para serem transmitidos sofrerão uma interpretação de acordo com nosso ponto de vista; dentro de nosso espaço; de acordo com a visão de nosso tempo (ESTEVES, 2010, p. 17, grifo meu).

Essa discussão lembra a indispensável ideia proverbial da autora portuguesa Augustina Bessa-Luís, em *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983), na sua assertiva de que “a história é uma ficção controlada. A verdade é coisa muito diferente, e jaz encoberta debaixo dos véus da razão prática e da férrea mão da angústia humana” (BESSA-LUÍS, 1983, p. 224), e nisso consiste todo o processo dialético, criativo e mimético.

Em outros termos, e por redundância, a história é uma ficção criativa, sendo assim, produto das faculdades inventivas e/ou fabulativas do ser humano. Não seria diferente, através da forma do romance, que autoras(es) contemporâneas(os) reinventassem a história à luz de sua época, (re)criando o passado, o presente e inventando o futuro, embora isso não queira dizer ser menos histórico, senão que o confronto entre ambos os discursos ressalta o diálogo entre eles.

Assim, a tênue linha que divide história e literatura é a mesma que oximoricamente as entrelaça. Além disso, a autora Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo – História, Teoria, Ficção* (1991), nos leva a considerar que a escrita da história e da literatura contemporâneas, a qual concebe frente ao ideal pós-moderno, aponta para uma resignificação do passado, o qual é transformado em decorrência da produção de sentidos construídos no presente.

É nessa perspectiva que a autora destaca:

O que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado (“aplicações da imaginação modeladora e organizadora”). Em outras palavras, o sentido e a forma não estão *nos acontecimentos*, mas *nos sistemas* que transformam esses “acontecimentos” passados em “fatos” históricos presentes. Isso não é um “desonesto refúgio para escapar à verdade”, mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Desta feita, essa constante problematização sobre as relações e interfaces entre literatura e história são prósperas e inesgotáveis. Outrossim, que são paradoxais ou antitéticas, isto é, nos seus vínculos de semelhanças e contradições, visto na agregação de fatos históricos a ressignificação do contemporâneo, pelo que também se problematiza tais fatos, por vezes recusando-os. Essa discussão nos lembra, inclusive, a intrépida proposição de Oscar Wilde, já posta em epígrafe, ao problematizar que “a única coisa que devemos à história é a tarefa de reescrevê-la” (*Apud* HUTCHEON, 1991, p. 130).

No entanto, ainda há uma carga pejorativa sobre o fazer histórico, isto é, na historiografia, quando não se atribui às(aos) historiadoras(es) um caráter imaginativo ou criativo, como se essas qualidades e valores só fossem atribuídos ao discurso estético. Às(aos) literatas(os), por sua vez, não lhes seriam por premissa manipular fontes, dados e registros históricos com razões categóricas de comprovação, antes, engendrar conotações imaginárias, verossímeis e criativas.

Esses estereótipos reducionistas, portanto, confundem ambos os fazeres e acarreta em confrontos equivocados entre as duas áreas. Talvez a intrépida afirmação do escritor francês Anatole France, em *Le jardin d'Épicure* (1927), de que “a história não é uma ciência, é uma arte. Nela só se tem sucesso pela imaginação” (FRANCE, 1927, p. 458), possa “(con)stranger” historiadoras(es) e literatas(os), cujo neologismo do desconhecido e estranho bifurca sua própria compreensão.

Para tanto, diante desse dilema, o autor brasileiro Hilário Franco Júnior, em *História, Literatura e imaginação: um jogo espetacular* (1998), compreende que “tanto o historiador quanto o literato filtram e reconstróem o real nas suas obras, criações imaginárias que, devolvidas ao real, modificam-no” (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 273-274).

Em alusão ao episódio português da rainha D. Inês de Castro, tais proposições são cruciais, uma vez que há uma conjugação hibridizada entre fatos e fantasias, ou seja, o primeiro está na categoria documental e o segundo na fabulação. No entanto, as fantasias transformam-se em fatos, e nisso se constitui a quimera inesiana, ou até mesmo a esfinge irresolúvel que há quase sete séculos dá mistério ao acontecimento medieval.

Sendo assim, além de agregar elementos da historiografia, o romance histórico contemporâneo ainda incorpora narrativas de cunho mitológico, uma vez que há elementos característicos do mito fundidos à narrativa histórica e ficcional, a

exemplo do transcendental, espiritual, fantástico, metafísico, surreal etc. Como frisou Eleazar Mielietinsky, em *A poética do mito* (1987), a literatura está geneticamente relacionada com a mitologia, isto é, numa gênese criativa da narrativa histórica, constituindo-se, por assim dizer, uma mitopoética.

Para sermos mais audaciosos, poderíamos conceber como mitopoética historiográfica, pormenor que justifica a congregação de elementos das mitologias antigas com o objeto literário, construindo significados e possibilidades herméticas múltiplas em agenciamentos outros com a história.

Em alusão ao caso de D. Inês de Castro, sua condição histórica e biográfica se eleva genuinamente para a condição mítica por obra do sentimento que sua morte tivera causado a D. Pedro, visto que, tal como defende o autor Haquira Osakabe, em *A pátria de Inês de Castro* (1998), “consagrará-la rainha correspondeu à unção (e criação) definitiva de Portugal como reino do Amor e do sentimento que permite eternizá-lo: a saudade” (HOSAKABE, 1998, p.110).

A proposição de Osakabe é categórica quando afirma que, pela fecundação de um reino que, oriundo do sentimento de ausência, criou, pelo mito, a presença definitiva de sua rainha. Em outros termos, a Inês de Castro que surge da saudade é eterna. Observa-se, neste caso, que a audácia de D. Pedro, em virtude da saudade de sua amada, transcendeu a própria natureza do amor nas suas manifestações e interfaces, isto é, *Philautia, Pragma, Ludus, Eros, Philia, Storge, Ágape*, “transsubstanciando a matéria histórica em matéria mítica” (OSAKABE, 1998). À vista disso, constitui-se, logo, uma nova gênese do sentimento que, inclusive, transpassa e rompe com os limites do imaginário racional e/ou religioso: *o amor até ao fim do mundo*.

Para tanto, se apropriando do recurso dialético da história e da literatura, é possível considerar, a partir da teoria do romance de Mikhail Bakhtin, em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1993), que no romance há uma congregação de diálogos entre as singularidades e identidades de maneira interpeladas. Somadas ao estilo harmonioso e pleno desse gênero discursivo e argumentativo, torna o romance histórico contemporâneo “criativante” e suscetível às representações estéticas contemporâneas. Por estas razões, as críticas literárias contemporâneas, a exemplo dos estudos interculturais, de gênero, pós-coloniais, utópicos etc., evidenciam as virtudes dos romances históricos contemporâneos.

Assim sendo, pressupondo que o discurso histórico interage com a recriação estética e, concebendo ambos enquanto enunciados em processo de dialógico, são peremptoriamente atravessados um pelo outro. Como está posta na assertiva bakhtiniana (1993), o dialogismo é a relação de sentido que se estabelece entre dois ou mais enunciados. Nestes termos, história e literatura dialogam, sendo o romance histórico contemporâneo, ademais, fruto dessa experiência, também constituindo-se enquanto novo enunciado ou novo discurso.

2.1 Da tradição histórica às reinvenções romanescas inesianas de autoria de mulheres

Na discussão sobre as interfaces entre literatura e história nas reinvenções do mito inesiano inspirado no escopo mito-histórico, considera-se relevante observar, primordialmente, as noções conceituais de “tradição” e “reinvenção” que são basilares para a discussão desse capítulo.

A “tradição” faz alusão à intensa produção histórica, documental, iconográfica, memorialística e cultural que consagrou o mito de D. Inês de Castro na História de Portugal desde o século XIV. Assim, as(os) historiadoras(es) europeias(us) medievais registram e afixaram o episódio memorável da rainha coroada morta na tradição histórica e cultural portuguesa, a exemplo do historiador Fernão Lopes (1380-1460), quem imorredoura o mito na crônica, em sua *Chronica de El-rei Dom Pedro I* (1440 e 1450).

A “reinvenção”, por sua vez, designa sobre a renovação e/ou aperfeiçoamento criativo do objeto estético. À guisa de lembrete, em Aristóteles, esse termo torna-se adjetivo do conceito de *mimesis*, na sua acepção clássica, concebida, para além da tese platônica entendida como “cópia”, ampliando para a concepção de (re)criação.

Sendo assim, tomando como base a *mimesis* aristotélica, quando nos referimos às reinvenções do mito de Inês de Castro, para além da ressignificação do uso do termo em questão, reforça-se o retorno da figura mito-histórica de D. Inês de Castro inventivamente, e isso não diz respeito simplesmente à lembrança da sua condição enquanto figura histórica, mas da sua permanência simbólica necessária na atualidade, que foi entronizada no imaginário português, cuja presença suntuosa e solene preenche as fissuras e lacunas do enredo historicista e linear, passando pelo lendário e culminando nas obras romanescas contemporâneas.

Em outras palavras, as reinvenções miméticas do mito inesiano constituem-se enquanto ampliação criativa, intertextual e dialógica de uma nova fábula e prisma narrativo-mitológico. Em *A Pátria de Inês de Castro* (OSAKABE, 1998), Haquira Osakabe faz saber que nos é dado o privilégio de não mais nos prendemos à realidade história, mas adentrarmos no território livre do mito:

Leve-se em conta, no caso, que com essa conjugação de contrários não se dá a simples dissolução das fronteiras da “verdade histórica”, mas, mais fortemente, abandona-se esse paradigma para entrar-se num outro, de uma ordem distinta: a do mito. Assim, anula-se a velha questão de saber da verdade vivida historicamente e passa-se para o território da verdade culturalmente necessária (OSAKABE, 1998, p. 107).

Neste sentido, busco associar as reinvenções a determinados limiares da concepção de modernidade de Antoine Compagnon, conforme discute em *Os cinco paradigmas da modernidade* (COMPAGNON, 1996), visto que é constituída de rupturas com a tradição, mas que também é uma continuação desta, com características outras, no sentido de um “progresso” fadado a se autodestruir em busca da construção (ou superação) do novo. Diante deste paradoxo, parto do princípio de que as renovações do mito a partir da literatura, em especial do romance histórico contemporâneo, fazem parte do “progresso” contínuo de ressignificação do novo que sempre precisa ser novo.

Como se sabe, há uma entusiástica e apaixonada adesão ao mito de D. Inês de Castro por parte das(os) artistas, as(os) quais reinventaram os amores eternos de Pedro e Inês através da representação e (re)contação mito-ficcional em suas produções subjetivas de linguagem.

Assim, desde as primeiras manifestações da narrativa inesiana através de relatos históricos dimanados da apreciação de documentos, artefatos e memórias das(os) portuguesas(es) da Idade Média do século XIV, as(os) quais na vívida e criativa produção mimética, no protagonismo dos cronistas⁷, poetas⁸ e dramaturgos⁹,

⁷ Em sua primeira vez, o episódio inesiano foi contado pelo cronista português Fernão Lopes (1380-1460), em *Chronica de El-rei Dom Pedro I (1440 e 1450)*, o qual conta a história em contemporaneidade à escola literária denominada de *Humanismo* (1418-1527).

⁸ A história se deu, como fato inaugural, nas *Trovas à Morte de Inês de Castro*, de Garcia de Resende (1470?-1536), no Cancioneiro Geral de 1516, período em que se acendia o Classicismo (1527-1580). Inês de Castro também aparece no contexto da epopeia classicista no poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524?-1580), com o episódio da Linda Inês nas estrofes 120 a 135 do Canto III.

⁹ A tragédia *A Castro* (1587) foi a primeira tragédia clássica portuguesa, de António Ferreira (1528 – 1569).

consagraram o episódio trágico da morte de Inês de Castro à condição imorredoura, através das múltiplas representações estéticas, na inovação e atualização da narrativa mítica em tempos e espaços, (re)presentificando o trágico episódio português.

É nesse sentido que Maria Emilia Miranda de Toledo, em *Razões de Estado x Razões de Amor na tragédia Castro, de Antônio Ferreira* (TOLEDO, 2008), afirma que “esse episódio tanto romântico como trágico da história de Portugal, envolvendo D. Pedro e D. Inês de Castro inspirou estes artistas, que a partir de então, o imortalizaram” (TOLEDO, 2008, p. 123-124), consagrando o fato trágico a ponto de canonizar-se no repertório artístico-cultural das(os) portuguesas(es), o que contribuiu para com a propagação da tradição artístico-cultural nacional portuguesa. Sendo assim, as difusas e prósperas reinvenções do mito dos amores de Pedro e Inês foram contadas por meio da prosa de ficção.

Por mais antiga que seja a história que se enseja, mesmo redimidos de sua carga historicista, mitológica, trágica e romântica, ainda reforçamos, inventivamente, sentidos e sentimentos dimanados de recepção estética purgativa e de realidade pontual trágica da memória (re)vivida que perdura nos escombros das narrativas do tempo e do espaço, cuja redenção enigmática e nebulosa reminiscente constitui-se num devir mimético, frenético e constante por renovação.

Não por acaso, Walter Benjamin, em *Sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 1987), nos lembra que só para a humanidade redimida o passado é citável, e partindo dessa premissa, é possível considerar que essa redenção repousa na libertação dos grilhões dos monólogos detentores da voz que narra e que é concebida como unívoca e suficiente. Pode-se dizer que essas vozes detentoras da narração e /ou condução do enredo eram quase exclusivamente de homens.

Partimos da premissa de que a história já fora vencida ou já se despiu de seu absolutismo, isto é, é preciso reinventá-la de novo. Ou seja, trata-se de que as faculdades e destrezas fabulativas do ser humano anseiam por seguir seu curso natural, o que para o crítico brasileiro Antonio Candido, em *Direitos Humanos e literatura* (CANDIDO, 1989) ultrapassa a esfera do direito e torna-se necessidade, pois afirma que a ficção, isto é, o ato de apreciar e/ou criar inventivamente, consiste numa espécie de necessidade universal de fantasia, ou seja, uma satisfação das

necessidades mais elementares do ser humano. Deste modo, as potencialidades da imaginação criadora atestam que é possível fazer o novo, o diferente, o criativo.

No anseio por (re)criação do novo, portanto, a lenda dos amores trágicos de D. Pedro e D. Inês de Castro, conforme compreende a pesquisadora Aldinida de Medeiros Souza, autora da tese *Inês de Castro no romance contemporâneo português* (SOUZA, 2010), permanece sendo fonte de inspiração para escritoras(es) de literatura, principalmente pelas(os) romancistas que recriam o episódio inesiano através do romance histórico, por vezes iluminando a sombra mítica e nebulosa que cerca tal acontecimento, e por outras, neblinando ainda mais.

Observo, inclusive, que a (re)contação romanesca de tema inesiano não se restringe à escrita de autoria portuguesa, visto que escritoras(es) de outras nacionalidades também reinventa(ra)m o mito através da forma do romance. Assim, a mito-história é reinventada criativamente em vários romances que (re)contam e ampliam a narrativa inesiana, por vezes adicionando ou atualizando a narrativa da tradição mito-histórica além do que fora realizado com o romance histórico clássico e outras expressões estéticas.

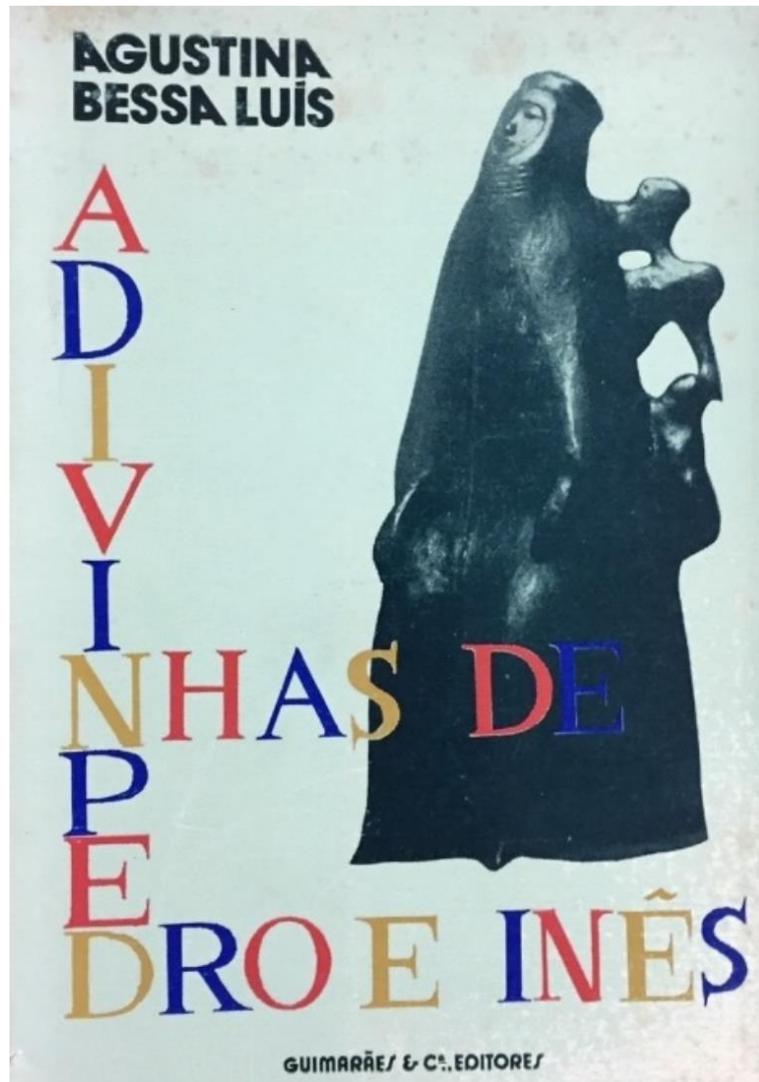
No tocante às outras expressões, posso citar: *Trovas à Morte de Inês de Castro* (1516), de Garcia de Resende; *A Castro* (1587), de António Ferreira; *Cantata à Morte de Inês de Castro* (1791), de Manoel Maria de Barbosa du Bocage; *A Nova Castro* (1857), de João Batista Gomes Júnior; *Os Passos em Volta* (1936), no conto Teorema, de Herberto Helder; *Inês de Castro 1310?–1355* (1957), de Gondin da Fonseca; *Invenção de Orfeu, intitulada Permanência de Inês* (1981), de Jorge de Lima; *Noites de Inês-Constança* (2005) de Fiama Hasse Paes Bransão; *A Boba: monólogo em três insônias e um despertador* (2006), de Maria Estela Guedes; *Antes que a noite venha* (2006), de Eduarda Dionísio.

Por sua vez, no tocante aos romances históricos contemporâneos que remontam à história de D, Inês de Castro, trago as sinopses de oito de autoria portuguesa, sendo três escritos por mulheres e quatro por homens.

- 1) *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983), de Augustina Bessa-Luís (1922-2019), romance o qual a autora dá acesso aos fatos que regem o enredo inesiano numa perspectiva diferente da história, visto que pretende adivinhar, tal como faz alusão ao título da obra, como poderia ter sido na realidade a história de Pedro e Inês, sobre tudo nos levando a pensar a forma como olhamos a

história, sendo esta, uma ficção controlada, o que significa dizer que há várias versões e interpretações criativas da história, não nos cabendo, portanto, dizer qual a mais fiel ou original;

Figura 4 – *Adivinhas de Pedro Inês* (Augustina Bessa-Luís)

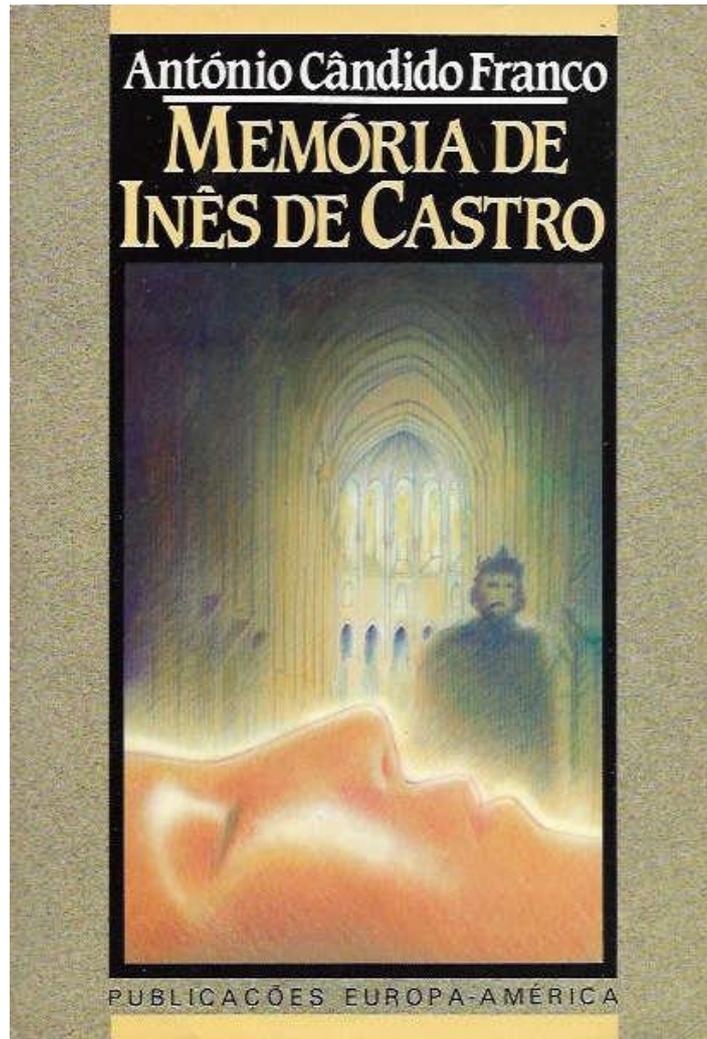


Fonte: BESSA-LUÍS (1983)

- 2) *Memória de Inês de Castro* (1990), de António Cândido Franco, o autor constrói uma estrutura organizativa intencionalmente subliminar, uma vez que divide seu romance em três partes que se subdividem em outras três. A Primeira parte congrega os capítulos *A torre*, *O besouro* e *A guerra*. A Segunda parte apresenta os capítulos *Incursões*, *A garça*, e *A morte*. A Terceira parte tem os títulos *O encontro*, *A fênix*, e *A eternidade*. O autor se propõe a destacar a alegoria mística do “três”, visto que, segundo a

psicanalise, esse número congrega potencialidades mágicas e simbólicas, assim como também o autor o incorpora formalmente ao enredo da história, posto que D. Pedro se relaciona com três mulheres: D. Constança, D. Inês de Castro e D. Fátima. Além disso, vivencia três fazes ao longo da narrativa: solteiro, casado e viúvo;

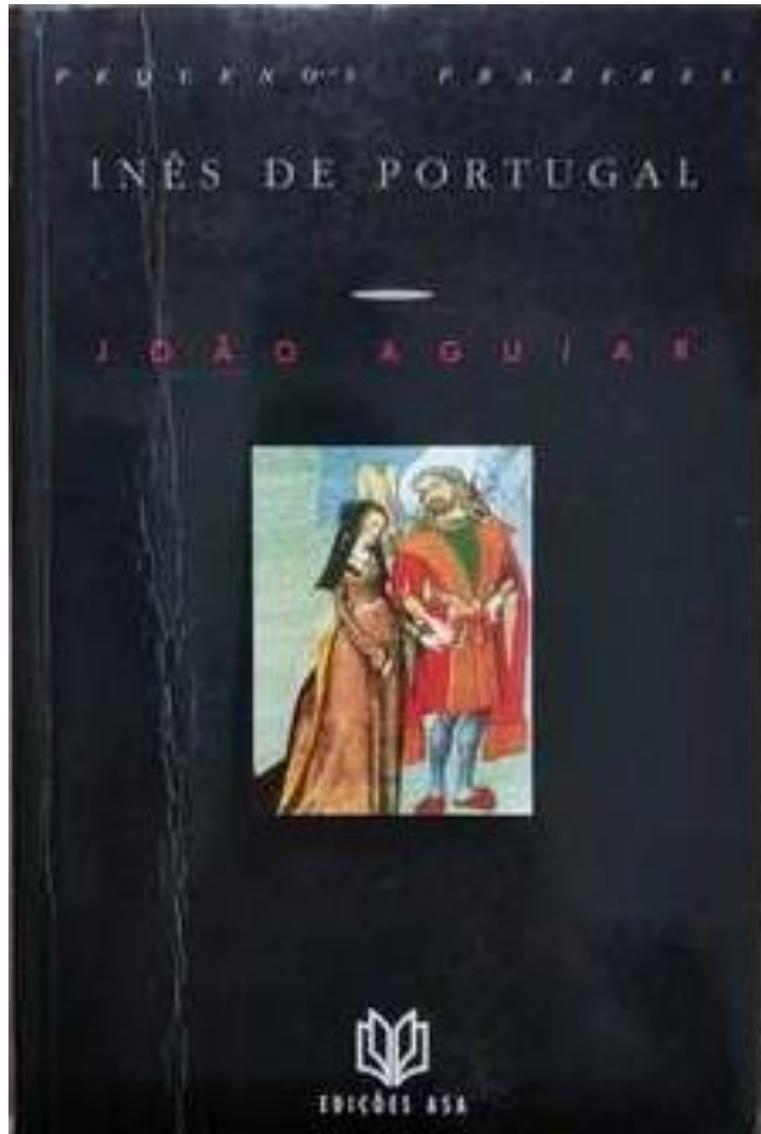
Figura 5 – *Memória de Inês de Castro* (António Cândido Franco)



Fonte FRANCO (1990)

- 3) *Inês de Portugal* (1997), de João Aguiar (1943-2010), é um romance em que a narrativa dá início no ano de 1359, no castelo de Santarém, onde os conselheiros de D. Pedro aguardam a chegada dos dois prisioneiros, Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves, os fidalgos assassinos de Inês, sendo que o terceiro, Diogo Lopes Pacheco, conseguiu fugir para a França. Desse modo, a obra de Aguiar reconstrói a trama romântica e o trágico episódio que culmina na morte de Inês de Castro à luz da historiografia;

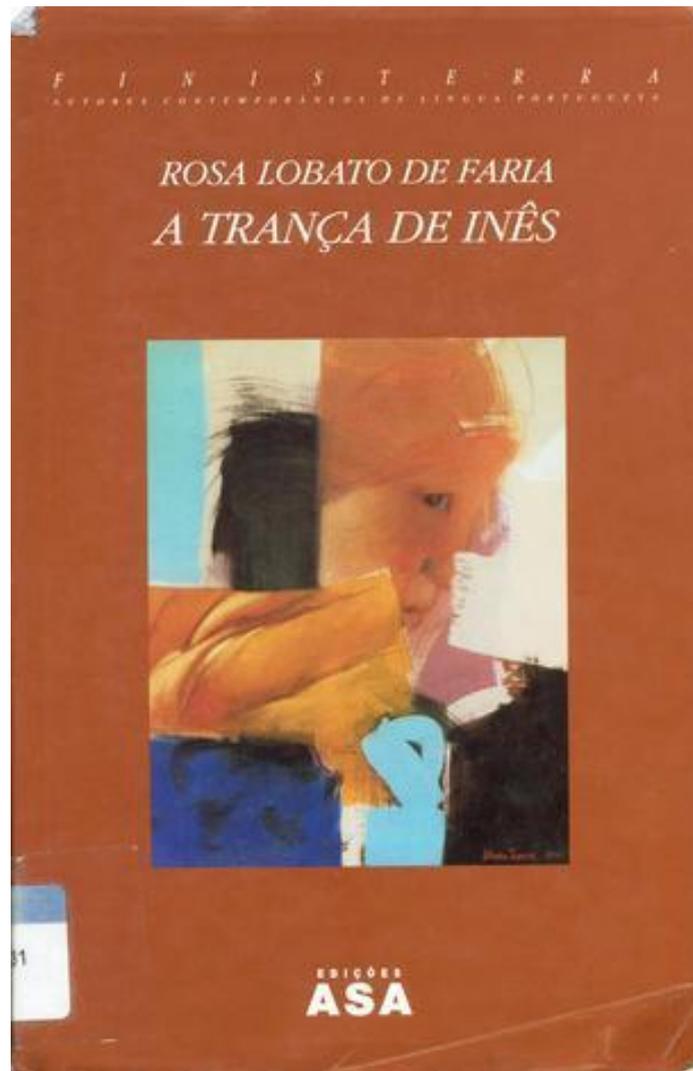
Figura 6 – *Inês de Portugal* (João Aguiar)



Fonte: AGUIAR (1997)

- 4) *A Trança de Inês* (2001), de Rosa Lobato de Faria (1932-2010), narra a história dos apaixonados que tentam, mas não podem ficar juntos por obra do destino. São três histórias simultâneas, com os mesmos personagens vivendo em épocas diferentes, sendo que as recordações dessas histórias atormentam a D. Pedro, que está internado num hospício, onde transita entre o presente do século XXI, o futuro do século XVII e o passado lendário do século XIV. A obra leva a refletir sobre os mistérios da existência e o amor atemporal que vence as limitações do tempo;

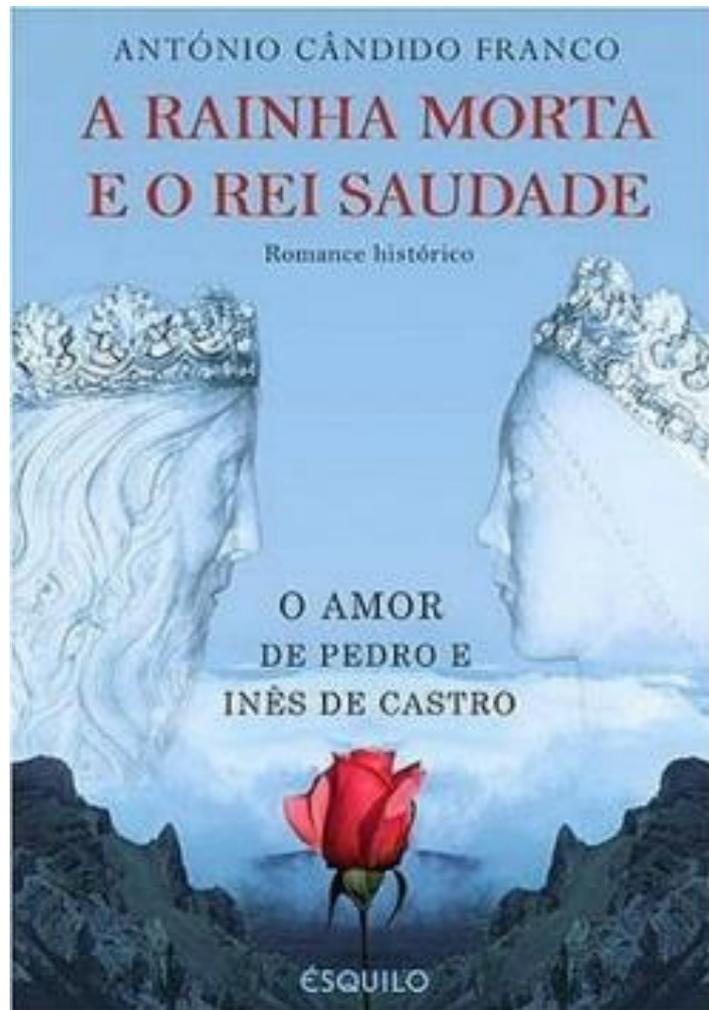
Figura 7 – Inês de Portugal (João Aguiar)



Fonte: FARIA (2001)

- 5) *A Rainha Morta e o Rei Saudade* (2003), de António Candido Franco, quem em nota prévia explica ser uma reescrita menos bruta que a versão anterior. A narrativa protagoniza o sentimento de saudade sentido por Pedro como a marca estruturante da obra; A saudade de Pedro por Inês de Castro terá sido responsável por mitificar o amor *até ao fim do mundo* dos amantes. O rei saudade contribuiu para a consagração da nação portuguesa como reino do amor-saudade. O tema mais apaixonante da história portuguesa narrado pelo escritor António Cândido Franco. A emoção e o sentimento profundo duma história mítica sem igual na Civilização Ocidental descritos num romance histórico de qualidade.

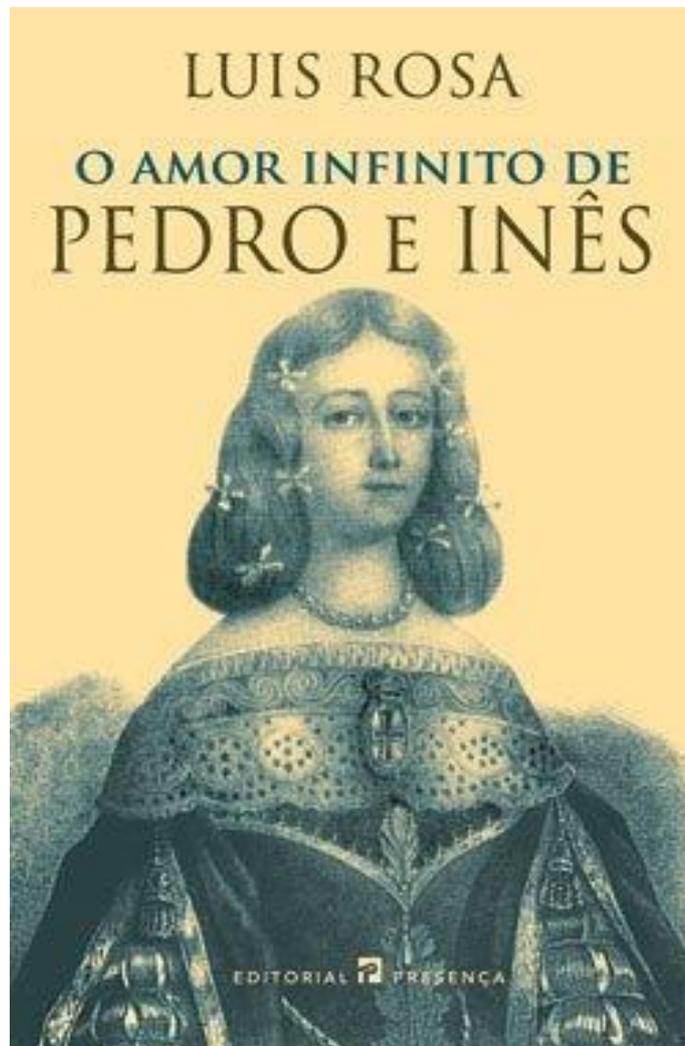
Figura 8 – A Rainha Morta e o Rei Saudade (António Cândido Franco)



Fonte: FRANCO (2003)

- 6) *O Amor Infinito de Pedro e Inês* (2005), de Luís Rosa, em cuja narrativa incorpora uma prosa poética engenhosa, repleta de frases metafóricas, imaginação criativa e sons memoráveis que exaltam os amores de Pedro e Inês. A história dá início a partir do momento em que o infante João, o filho de D. Pedro e Teresa Lourenço, é constituído o Mestre de Avis, ressaltando as implicações e dilemas que cercam a crise monárquica instalada após a morte de D. Fernando, filho de D. Pedro com D. Constança. A obra ainda faz referência à *Crónica de El-rei D. Pedro I*, de Fernão Lopes, trazendo ao enredo algumas citações históricas;

Figura 9 – *O amor infinito de Pedro e Inês* (Luis Rosa)

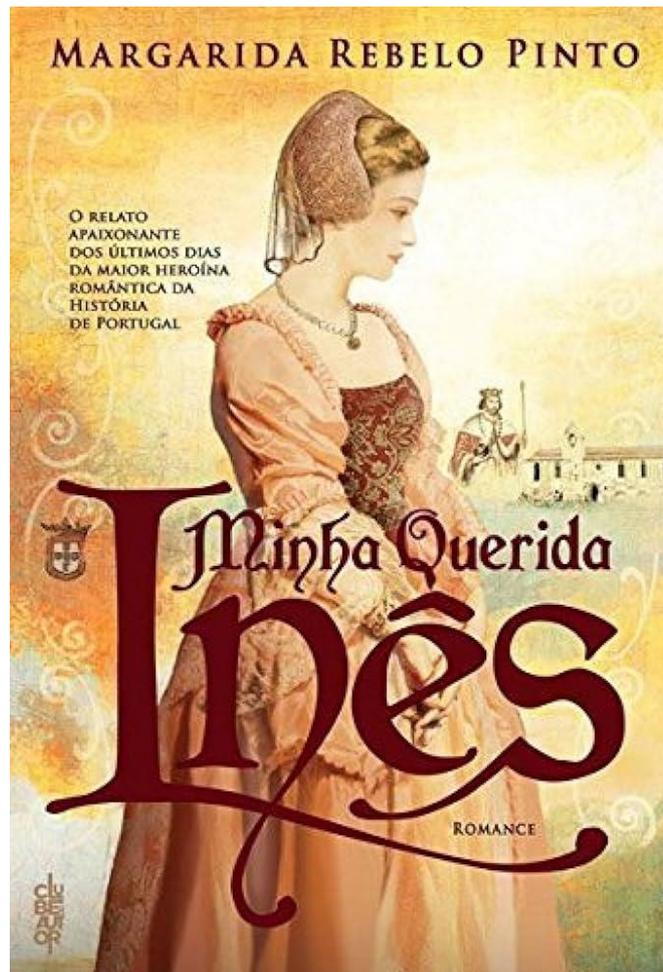


Fonte: ROSA (2005)

- 7) *Minha querida Inês* (2011), é de Margarida Rebelo Pinto, quem registra os últimos dias da maior heroína romântica e trágica de Portugal, ao passo que tal história apaixonante desenha um retrato pessoal dos amores de Inês de Castro, aquela que chamam de traidora, mas também de vítima, por ter desafiado o poder regimental e a estabilidade entre razão de estado e razão de amor. *Minha Querida Inês* é fruto de investigação histórica misturada com a paixão de Margarida Rebelo Pinto por mulheres fortes, cuja presença sempre foi uma constante nas suas obras. A Inês aqui retratada é uma mulher corajosa e apaixonada que fala sem pudor da sua vida íntima e da sua visão do amor, da família, de deus e do mundo. Inês morre por amor. Se foi "a ruça

que queria roubar o reino", ou apenas vítima de uma intriga política, nunca saberemos. A Inês que aqui fica é uma mulher inteira, de carne e osso, com cabeça, coração e estômago, que sente e que pensa à frente da sua época e, por isso mesmo, sábia e intemporal.

Figura 10 – *Minha querida Inês* (Margarida Rebelo Pinto)

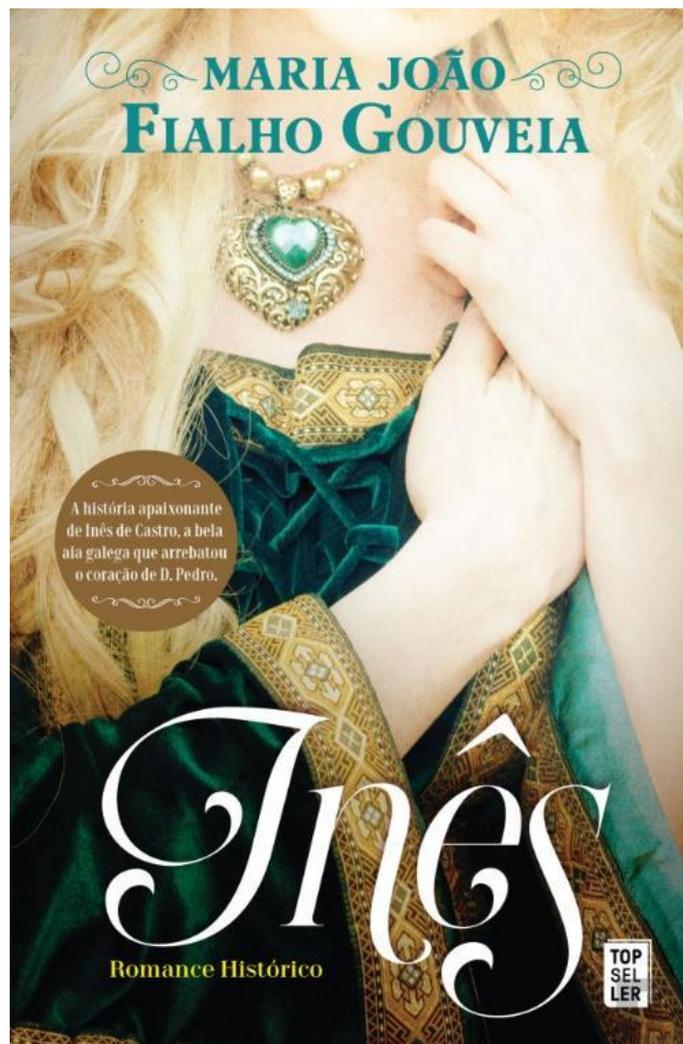


Fonte: PINTO (2011)

- 8) *Inês* (2016), de Maria João Fialho Gouveia, quem evidencia em seu romance a história da aia galega que arrebatou o coração do Príncipe D. Pedro, futuro rei de Portugal, cujo amor foi maior que a vida, sendo outrora, como hoje, o símbolo da paixão em Portugal. Bisneta ilegítima do rei D. Sancho IV de Castela, tinha chegado a Portugal no séquito da princesa Dona Constança, futura mulher do príncipe. Apesar dos laços do matrimónio, acabou por ser Inês e não Constança quem incendiou o coração de D. Pedro. Perdidamente apaixonado, o casal viveu então um amor proibido, até que, após a morte de Dona Constança, passou a partilhar o mesmo teto. Dando largas à paixão que

por tanto tempo haviam escondido, Pedro e Inês viveram dias idílicos, de paço em paço, até se instalarem em Coimbra, já casados e com três filhos. Certos de ali terem descoberto o seu jardim do Éden, amaram-se a cada dia sem medo do pecado, cedendo à paixão que lhes ardia no corpo e lhes completava a alma. Esta ligação desagradou ao rei D. Afonso IV, pai de D. Pedro, que odiava Inês de Castro. As intrigas políticas com que os conselheiros reais o sobressaltavam, alegando que os irmãos de Inês alimentavam pretensões à cora portuguesa, contribuíram para que o rei não descansasse enquanto não libertasse, da forma mais trágica e terrível, o filho do jugo da bela galega. O amor de Pedro e Inês foi maior do que a vida, pulsando outrora, como hoje, no peito da própria alma lusitana, que o elevou a símbolo da paixão em Portugal.

Figura 11 – *Inês* (Maria João Fialho Gouveia)



Fonte: GOUVEIA (2016)

Diante dessa diversidade de romances históricos contemporâneos de mulheres e de homens, me propus apreciar um que apresenta escopo literário de interesse. Nessa apreciação das reinvenções romanescas inesianas, objetivei discutir sobre o escopo principal em que consiste a (re)fabulação acrescida do enredo inesiano à luz contrastante dos principais acontecimentos que predominam na narrativa mito-histórica da tradição portuguesa.

Por consequência, essa discussão pretendeu, portanto, promover a renovação de elementos históricos e estéticos do repertório literário inesiano contemporâneo, ressaltando a ruptura criativa com a tradição mito-histórica consolidada desde o século XIV. Outrossim, (re)atualizando-a nos seus devires, o que caracteriza a experiência estética da arte contemporânea, em especial concernente ao romance histórico contemporâneo.

Sabe-se que essa forma específica do romance redimensiona sua própria natureza estética em acordo com as condições de representação, dando participação narrativa às subjetividades dimanadas das frentes socioculturais descentralizadas, isto é, as(os) excêntricas(os), as(os) outras(os) protagonistas da história, ou “desprotagonizadas(os)” historicamente.

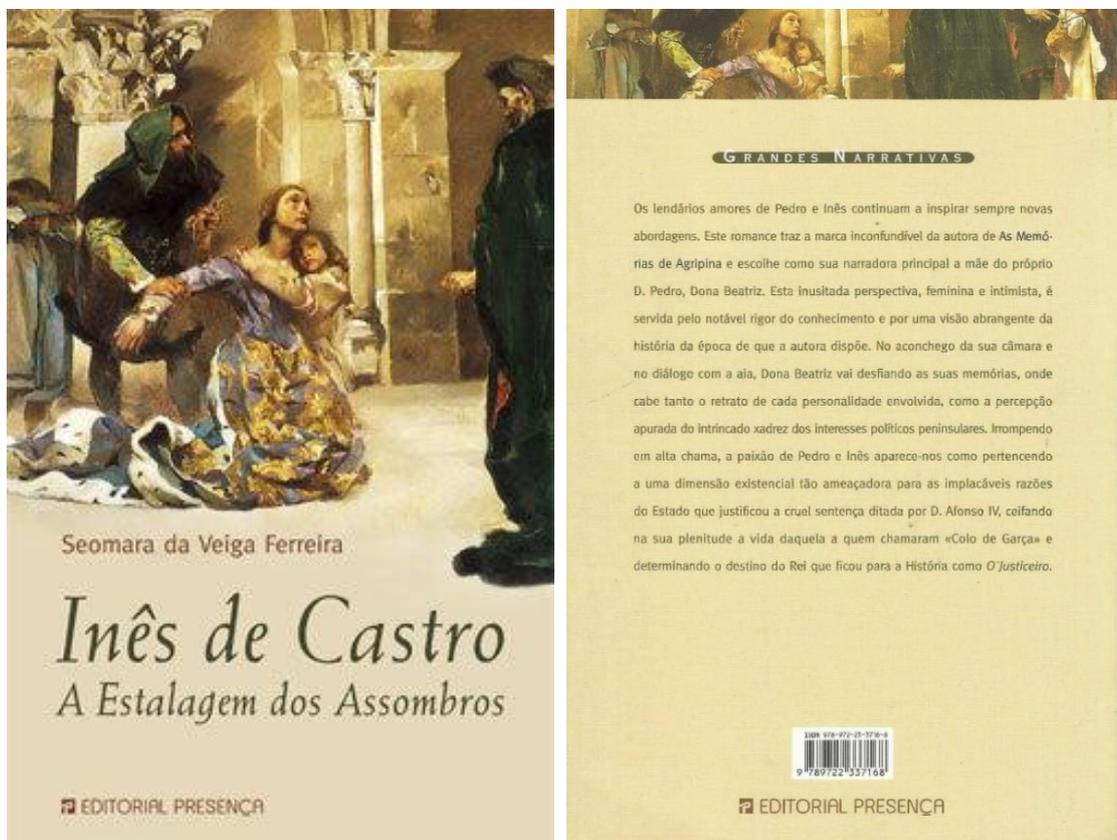
3 SOBREVIDAS EM *INÊS DE CASTRO: A ESTALAGEM DOS ASSOMBROS* DE SEOMARA DA VEIGA FERREIRA

Não há oposição entre o vivo e o não vivo. Todo ser vivo não apenas está em continuidade com o não vivo, mas ele é seu prolongamento, sua metamorfose, sua expressão mais extrema.

Metamorfoses
Emanuelle Coccia, 2020

Com essa análise, não pretendo fazer uso pleno da abordagem comparatista, visto que não se constitui enquanto postulação teórica. Tão logo, aponto em que consistem as rupturas/renovações de uma reinvenção romanesca inesiana contemporânea de autoria portuguesa e feminina: *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (2006), da escritora lisboeta Seomara da Veiga Ferreira. Observe a capa e contracapa na figura 12 a seguir:

Figura 12 - *Inês de Castro: a estalagem dos assombros* (Seomara da Veiga Ferreira)



Fonte: www.presenca.pt

A capa tem como ilustração a tela *O Drama de Inês de Castro*, pintura a óleo sobre tela de autoria do pintor português Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), desenhada entre 1901-04. A obra se encontra atualmente no Museu Militar de Lisboa, que é uma unidade museológica do Exército Português, localiza no Largo dos Caminhos de Ferro em Lisboa, Portugal, em frente da Estação de Santa Apolónia. Também é considerado o maior museu militar em Portugal e um dos mais antigos da cidade de Lisboa, sendo possuidor de um vasto e valioso património museológico, razão que se encontra classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1963.

A escritora portuguesa Seomara da Veiga Ferreira nasceu na cidade de Lisboa, em 1942, formou-se em Ciências Históricas em 1969 e tem desde então dedicado a sua vida ao ensino e à investigação, diversos trabalhos publicados em revistas científicas e também uma notável obra de ficção que a editora Presença tem vindo a publicar, a exemplo de: *Crónica Esquecida d'El Rei D. João II*, *Leonor Teles ou o Canto da Salamandra*, *António Vieira – o Fogo e a Rosa* e, mais recentemente, *Inês de Castro: a Estalagem dos Assombros*. Além do romance *Memórias de Agripina*, vencedor dos prémios Municipal Eça de Queiroz e Máxima Revelação, relativos ao ano de 1993. A figura 13 a seguir registra uma imagem extraída da entrevista concedida ao programa *Há Conversa*, do canal televisivo RTP, em 2010, ocasião em que tratara sobre suas obras romanescas.

Figura 13 – Seomara da Veiga Ferreira em entrevista ao programa *Há Conversa*, transmitida pelo canal televisivo RTP, em 2010.



Fonte: www.arquivos.rtp.pt

Em se tratando da obra romanesca em questão, observa-se que apresenta uma narrativa envolvente, repleta de descrições imagéticas em sua narrativa em primeira pessoa, protagonizada por uma personagem que, em comparação a outros romances históricos, não tem evidência no enredo da história ou não se destaca enquanto personagem principal. Construída a partir das memórias da narradora-personagem que são despidas durante sua acomodação em estalagem, Seomara nos leva a compreender o episódio trágico da morte de Inês de Castro da perspectiva da rainha D. Beatriz, mãe de D. Pedro de Portugal.

Sendo uma narrativa do ponto de vista materno e feminino, com enfoque em sua visão política e social da época, bem como mística, a narradora evidencia o fato do episódio trágico inesiano em sincronia contemporânea ao seu presente vivido, isto é, “esta noite de janeiro, dia 6 de 1393, da Era de César” (FERREIRA, 2006, p. 13).

Assim, suas memórias são despidas para sua confidente, a aia Maria Miguéis, a quem intimamente chama de Dona Doce, e para quem conta sobre a cruel sentença ordenada pelo rei D. Afonso IV, quem no seu autoritário poder de ceifador, condena D. Inês de Castro. Nos seus termos, “[...] para falarmos uma com a outra e compreender as recordações, as imagens, os factos que me chegam à memória como relâmpagos de outro e diamante” (FERREIRA, 2006, p.13).

Desse modo, D. Beatriz narra o dilema dos amores de Pedro e Inês em cuja posição histórica é contemporânea e participante da narrativa que engendra. No entanto, seu protagonismo se dá nos assombros que é sujeita em razão da memória com a qual narra sua trajetória itinerante, visto que cria uma outra história, talvez tão digna de ser ouvida quanto a de temática inesiana que narra à sua acompanhante.

O presente romance reinventa, pelo olhar de D. Beatriz, uma figura quimérica de D. Inês de Castro tornando-a como constituinte de *Três Espectros Assombrosos*: (1) bruxa possuidora de almas, (2) a lendária princesa Isolda e a (3) deusa do amor.

É preciso dizer que desenvolvi sobre a noção de Espectro durante os meus estudos sobre Inês de Castro, pelo que no texto *Desenterrar os mortos, reinventar o futuro* (ALMEIDA, 2022), elabore esta postulação teórica com o objetivo de defender a ideia de que nas *Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro* (ANDRADE et al., 2022), assim como nas obras inesianas contemporâneas de modo geral, o espectro inesiano está presente como um modo de compreensão de que as mulheres do século XXI são herdeiras do heroísmo inesiano.

Essa postulação da reverberação imorredoura do espectro mítico de Inês de Castro tem como base a teoria da *sobrevida* desenvolvida pelo autor português Carlos Reis em torno da crítica aos processos de (re)figuração de personagens, visto em textos como *Para uma teoria da figuração. Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento* (REIS, 2017).

Com base nas postulações das autoras Rita Felski – em *Introduction, New Literary History* (FELSKI, 2012) – e Amélie Rorty – em *The Identities of Persons* (RORTY, 1976) – sobre a condição do conceito de personagem como não estático, unificado e imutável, antes como categoria dinâmica, instável e mesmo evanescente, Reis concebe o processo de (re)figuração de personagens a partir da ideia de *sobrevida*. Seu conceito toma como base o argumento de que em diferentes tempos culturais as(os) personagens literárias(os) ou não-literárias(os) manifestam-se como entidades potencialmente dinâmicas.

Tomando essa acepção como chave de interpretação para uma possível alusão à personagem mito-histórica de Inês de Castro, posso conceber, portanto, as adaptações contemporâneas, como empreendimento de (re)figuração de uma entidade *história e/à/ou mítica* (ALMEIDA, 2021) que perdura de maneira infinda como espectro mítico imorredouro (ALMEIDA, 2022), principalmente no universo lusitano.

Ademais, à luz das ideias de Emanuelle Coccia, em *Metamorfoses* (COCCIA, 2020), podemos inferir que essa Inês de Castro “é a metamorfose de todas aquelas que viveram antes dela. Uma mesma vida que molda para si um novo corpo e uma nova forma para existir de uma maneira diferente” (COCCIA, 2020, p. 15). Um contínuo finito e infindo, que se prolonga nos vínculos de semelhanças e contradições com as outras, modificada e já original, que surge da sombra do palimpsesto, mas que agora brilha sua luz própria.

A metamorfose que estabelece o diálogo intertextual, transmidiático, intertemporal e intercultural, cujo virar da ampulheta (PAVIS, 2015) reinicia o tempo, a ordem, a forma e se deixa ser fisurada, inacabada e aberta, o novo desmistificado e em degradação. Como se observa na teoria da metamorfose cocciana, “não há oposição entre o vivo e o não vivo. Todo ser vivo não apenas está em continuidade com o não vivo, mas ele é seu prolongamento, sua metamorfose, sua expressão mais extrema (COCCIA, 2020, p. 16).

3.1 Espectro de bruxa

A narradora D. Beatriz menciona Inês como a figura fantasiosa de uma *bruxa* que, por lançar fogo na corte portuguesa e, condenada ao fogo que tivera acendido, será dispersa pelos ventos da eternidade em maldição plena pelos males de paixão com que enfeitiçou a nobreza, em especial ao príncipe de Portugal. Essa Inês com encantos de sortilégio de amor e morte, sugere ser uma nova forma de existir do espectro de bruxa.

D. Beatriz afirma:

Dona Inês Perez de Castro, aquela que bem conheceis, a quem chamam de o *Colo de Garça* e outros <a **bruxa de olhos cor de esmeralda**> e cabelos louros cendrados onde o Sol empresta, quando os vê, os tons róseos do fogo e das pedras preciosas, descendente de Reis, e que um dia, tal como eu, vós, todos, terá o destino dos homens que são esquecidos, pior que o das estátuas e os velhos nomes daqueles de quem se esqueceu a vida, a memória, nos antigos túmulos dos pagãos, porque o tempo às vezes não perdoa e outras vezes, como já afirmei, também não esquece tudo. **Só Deus sabe se ela ficará na recordação dos homens ou desaparecerá nas cinzas dispersas pelos ventos da Eternidade.** Só Deus (FERREIRA, 2005, p. 30, grifos meus).

As narrativas milenárias nos ensinaram que as bruxas estão fadadas à imorredoura condição de réus do fogo e do juízo não só dos homens, mas de Deus. Não é por acaso que Inês é a bruxa dos feitiços da paixão desmedida, pois como fora concebida no romance *Inês de Castro* (HIERRO, 2003), de Maria Pilar Queralt del Hierro, é protagonista de “um amor que confunde palácios e governos” (HIERRO, 2003, p.41), cuja magia não fora bem aceita, justamente porque não se discerne pela razão ou religião ortodoxa, pelo contrário, as enfrenta.

A romancista destaca em seu romance que a galega Inês de Castro era para o príncipe D. Pedro “um fogo fascinante e arrebatador. Uma fogueira que lhe atraía hipnoticamente o olhar, que o convidava a acariciar a beleza das chamas multicores, mesmo sabendo que ao fazê-lo a queimadura seria insuportável” (HIERRO, 2003, p. 60).

Assim, sua transgressão fora causar encantos e desestabilizar a harmonia regimental entre “razão de estado” e “razão de amor”, ao passo que dimana em tragédia demasiada macabra. D. Pedro fora alvo dos seus feitiços, pois:

É como se o sangue dela corresse no seu corpo. Ele até deixou de ter alma, porque foi a dela que comeu a sua num acto de possessão tão forte e indissolúvel como a morte. E, sabeis, Dona Doce, as pessoas desconfiam, embora não percebem, e por isso chamam a essa arte do **Amor bruxaria** (FERREIRA, 2006, p. 44-45, grifo meu).

A narradora continua com o argumento:

O que pode a credence humana! Acreditar em bruxas! Elas que até comem gafanhotos e, com as suas patas esmagadas de mistura com sangue de bode, dizem que curam a lepra! Dona Isabel enviou-lhe ao seu confessor e lá conseguiu que ele as absolvesse... E foi destes malefícios que o povo, depois, acusava Dona Inês. Alguns, até hoje. O tempo é terrível. Ele pertence também às pessoas. Dona Inês foi dona de um tempo, como todos nós. **E não se livrou da acusação de bruxedo** e de dar ao Príncipe mesinhas afrodisíacas (FERREIRA, 2005, p. 55, grifos meus).

Se as almas das bruxas são dispersadas como cinzas nos ventos da eternidade, certamente seria preciso orar para que encontrem o caminho eterno da paz, razão que a narradora Dona Beatriz o faz:

Ajoelhemos, Dona Doce, pela paz da alma de Dona Inês, e oremos:
Pater noster, qui es in caelis
Santificetur nomen tuum
Fiat voluntas tua, sicut in caelo,
Et in Terra. Panem nostrum cotidianum
Da nobis hodie...
 Repeti comigo três vezes, Dona Doce: *Sed libera nos a malo. Amen.*
Ave, Maria, gratia plena
Dominus tecum:
Benedita tu in mulieribus
Et benedictus fructus ventris
Tui Jesus
Sancta Maria, Mater Dei:
Ora pro nobis, peccatoribus,
Nunc et in hora mortis nostrae. Amen.
 (FERREIRA, 2005, p. 45-46).

Talvez ainda fosse preciso orar por D. Pedro, dado que sua paixão conduziu sua alma até a da bruxa, que a engoliu, num ato de magia de possessão. A narradora destaca:

[...] descobriu ainda que nem os poetas que cantam o amor podem relatar, sequer, um ínfimo átomo do que envolve e significa para quem ama, porque a sua alma deixou de lhe pertencer e fugiu para a do ser amado, onde vivifica e se alimenta (FERREIRA, 2005, p. 61).

Sendo a expressão metamorfoseada de uma bruxa, essa Inês de Castro carrega um espectro fadado ao fogo por desafiar o sistema de crenças de uma

possível sociedade marcada pela união formal movida por interesses políticos e não pelo prazer do encontro de almas.

Se temos o entendimento de que as mulheres da Baixa Idade Média eram consideradas bruxas justamente por quebrarem os paradigmas de sua cultura previamente estabelecidos pelos homens – a exemplo de mulheres como Joana D'arc, Agnes Bernauer, Bridget Bishop e Sarah Good –, a bruxa Inês de Castro rompe com os valores cristãos dos votos matrimoniais que uniam D. Pedro e D. Constança, notadamente pela fornicção com o príncipe e noivo de sua guardiã.

3.2 Espectro de princesa

Durante a narração dos fatos, D. Beatriz dá novas figurações a Inês de castro. A narradora menciona uma Inês de alegoria *lendária* como a expressão da figura ancestral da princesa Isolda da Irlanda. Segundo ela, a lenda dos amores de Tristão e Isolda é o livro de mitologia mais lido na corte portuguesa.

De origem céltica, *O Romance de Tristão e Isolda* trata-se de uma das mais belas e trágicas histórias de amor e morte já conhecida em toda Europa medieval, tendo suas primeiras versões escritas no século X. Através da versão do francês Joseph Bédier (2017), tomamos nota sobre essa lenda que começa por narrar a história de Tristão, o nobre cavaleiro originado da Cornualha, e da princesa Isolda, da Irlanda.

Tristão é um dos cavaleiros do seu tio, o rei Marcos da Cornualha, para quem presta serviços. O audacioso e valente cavaleiro viaja à Irlanda para trazer a princesa Isolda, das brancas mãos, para casar-se com seu tio, a quem estivera prometida. Voltando da Grã-Bretanha com Isolda para entregá-la ao rei e, navegando durante o caminho, bebem uma porção mágica de sortilégio de amor que fora feita para Isolda e Marcos, pensando ser vinho. Sob o encanto da bebida, Tristão e a bela Isolda se apaixonam perdidamente e se entregam à paixão, deflagrada pela relação sexual. No entanto, mesmo voltando à corte, a princesa Isolda casa-se com o rei Marcos da Cornualha. A paixão dos amantes viola as leis religiosas e escandaliza a todos, visto que mantinham relações fora do casamento.

O mito remonta ao amor trágico que enfrenta todas os obstáculos para se consumir, inclusive a tradição, os costumes religiosos e que, mesmo assim, culmina em morte. Nas suas aventuras e guerrilhas, o nobre cavaleiro Tristão é ferido por

uma lança envenenada e, por não haver recursos medicinais que o cure, sendo uma das destrezas encantadoras de Isolda, a loira, das brancas mãos, de quem está distante, padece tristemente, pois o veneno espalha-se pelo seu corpo, empalidecendo-o e fazendo sua vida esvaír. Pensando poder chegar a tempo de encontrar vivo seu amante, Isolda das brancas mãos navega em busca do seu amado, mas já era tarde. Após vê-lo morto e dado muitos gritos enlouquecidos por estar histérica e desolada, se lança contra o corpo do seu amante e, beijando-o, entrega sua alma e morre. Estando mortos os amantes, e mesmo sendo enterrados pelo rei Marcos, reza a lenda que “da tumba de Tristão, brotou um espinheiro verde e frondoso, de fortes ramos, de flores perfumadas que, se elevando sobre a capela, enterrou-se na tumba de Isolda” (BÉRDIER, 2016, p.127) e mesmo que cortassem, no outro dia os arbustos cresciam mais verdes e floridos que antes. Então o rei dá ordens para que os deixem crescer.

A rainha narradora menciona que o próprio D. Pedro declarava seu amor a D. Inês de Castro recitando trechos da lenda, o qual conheceu desde criança, quando ainda nem conhecia o amor e suas dores:

Meu filho tinha oito anos. Ensinaram-lhe a dizer à noiva um excerto do texto de *Tristan et Iseut* que mais tarde, sim, muito mais tarde, dizem, ele repetia a Inês:

*... o mui namorado
Tristan sei bem que não amou Iseut
Quant' eu vos amo...*

Que foi um feixe de palavras gaguejadas, incompreensíveis, e que bateram no rosto aparvalhado de Dona Branca como um coice na porta de um palheiro. Desatou numa berreira medonha, assustada, como se lhe tivessem batido (FERREIRA, 2005, p. 35).

Nos seus vínculos de semelhança, a narrativa lendária faz saber que assim como Tristão quebra a “ordem” regular de obediência ao seu soberano, traindo-o, Pedro quebra também a ordem de obediência ao pai, vivendo uma relação extraconjugal com Inês, mesmo quando esta segue exilada para Albuquerque e ele vai constantemente visitá-la (SOUZA, 2010).

Inês de Castro carrega o espectro da princesa Isolda notadamente pela memória do amor que sobrevive diante de barreiras, visto que na lenda o cavaleiro Tristão se sente eticamente impedido de entregar-se por inteiro à princesa em razão de ser mulher do seu tio, o rei Marcos da Cornualha.

Essa mesma frustração pudera ser observada na figura de Constança Manuel, noiva de Pedro, que representava um entrave ético e religioso contra a união dos amantes. O destino, portanto, se encarrega de dar a Inês de Castro um destino semelhante ao de Isolda, pelo que a morte passa a dar um novo significado para as histórias de amor proibido das duas mulheres.

Assim como os túmulos de Pedro e Inês foram postos no Mosteiro de Alcobaça para fazer valer a lenda de um futuro levantar de seus corpos espirituais ao soar das trombetas do Juízo Final, os corpos de Tristão e Isolda também foram postos, pelo rei Marco, juntos numa capela. Como sabemos mediante a narração de Bédier, do túmulo de Tristão surgiu um espinheiro que envolvia o túmulo de Isolda, simbolizando o reencontro de almas além-vida.

3.3 Espectro de deusa

Durante o despir de suas assombrosas memórias, a narradora D. Beatriz faz menção à figura divina de Inês de Castro como a expressão de uma *deusa*, visto que quando chega à corte portuguesa sua presença suntuosa e solene é marcada por um nível elevado de formosura, motivo pelo qual é admirada por todas(os) da nobreza.

Seomara da Veiga Ferreira busca uma definição de deusa mencionando a beleza de Inês (SOUZA, 2010). Textualmente, a narrativa romanesca destaca:

Dona Inês veio e a Corte espantou-se com a sua presença. Era rara a formosura. Rara porque nada tinha a ver com as feições bonitas, a boca bem desenhada, o rosto fino, o cabelo. **Era a presença, uma espécie de auréola** que a emoldurava e lhe fazia faiscar no olhar verde a luz dos sonhos perdidos e que os poetas buscam nas suas não palavras vãs. El-Rei disse-me um dia: <Ela é tão formosa que não parece real, Senhora. Tenho medo> (FERREIRA, 2005, p. 49-50, grifo meu).

A presença solene como de uma deusa que conta, ademais, com o adereço de uma auréola na cabeça, é a representação de uma figura divina. Significa uma luz espiritual, designando que a pessoa é uma divindade sagrada, a exemplo de deuses, anjos e santos.

Assim, sua majestosa presença, acentuada pela elegância de uma entidade divina, encantava assombrosa e solenemente a nobreza e, portanto, D. Beatriz teme pela presença de uma divindade em plena corte portuguesa, razão que afirma:

Até que um dia chegou, a pedido de Dona Constança, uma amiga de infância, para sua companhia. Inês. Inês de Castro. Foi muito simples. Tinha 15 anos, mais alta do que eu, quase da altura de Pedro, e bela. Dizer assim não chega. Vós conhece-la. **Era uma deusa. E é terrível quando os deuses descem à terra.** Os antigos – e recordo-me sempre de Mestre Isaac me explicar – diziam que eles às vezes vinham para cegar os homens e os arrebatam. Sucedia isso com os Gregos e os Romanos. Claro que isto é uma blasfêmia, mas quando me lembro dela é o que me vem à memória. E com ela chegou o Amor (FERREIRA, 2005, p. 44, grifo meu).

Sendo a galega Inês de Castro uma entidade digna de adoração principalmente por parte dos homens da nobreza, torna-se, portanto, a expressão da deusa do amor, uma Afrodite a quem o príncipe presta seu culto, sua paixão. Devido à sua beleza divinal a figuravam como uma deusa, tal que faz surgir o famoso codinome “colo de garça”:

Em breve todos a apelidavam de <colo de garça>, pela sua altiva postura e beleza, a pele branca, o seio médio e alto, o pescoço esguio e aquele cabelo de ouro quase branco que lhe emoldurava o rosto fino. Parecia, pela leveza do andar, na realidade, uma ave de uma beleza deslumbrante. O infante fingia, fugia, mas não conseguia livrar-se daquele **ser divino** que o acompanhava e encontrava por todo lado e, especialmente, junto da mulher (FERREIRA, 2005, p. 51, grifo meu).

No romance *O amor infinito de Pedro e Inês* (ROSA, 2005), do escritor português Luis Rosa, se observa a mesma alegoria à divindade, dado que em um diálogo travado entre o Bobo Clarimundo e D. Pedro, Inês de Castro se projeta em seus olhares como uma presença de Anjo:

- Estranha presença, Clarimundo!

- A que vos referis?

E o Bobo fez-se desentendido daquilo que ele também se apercebera. O corpo alto, elegante, de Inês, quase arrapazado na feminilidade atraente, quase **angélico** na indefinição de quem parece estar para além da diferença dos sexos. O escudeiro amigo do Rei e a dama pareciam face e reverso de um mesmo **anjo belo e perverso** (ROSA, 2005, p. 42, grifos meus).

A presença solene de Inês, projetada nos olhares de quem a via, fazia lembrar as divindades, seja porque seu corpo tinha traços que poderiam invejar mesmo as deusas míticas da Grécia, seja porque o espectro de deusa a faz ser concebida como a deusa do *amor infinito*.

Antonio Cândido Franco, por sua vez, traz Inês como um ser quase etéreo, em *Memória de Inês de Castro*, na figuração de sua personagem ambígua e com características místicas (SOUZA, 2010). A sua narrativa romanesca destaca que:

Era um lume que crespitava em silêncio. O seu rosto tinha assim uma luminosidade anormal, quase transparente, que a tornava duma imobilidade absoluta. A pele acetinada e branca parecia ter-se iluminado por dentro, coroada estava por uma luz intensa (FRANCO, 1990, p. 81).

Por essas e tantas outras razões, D. Beatriz se maravilhou diante de sua presença solene, razão para afirmar:

Via-a na minha frente, aquela mulher que parecia talhada pelos anjos, na sua beleza etérea, efémera, certamente, mas inigualável [...] (FERREIRA, 2005, p. 73).

O próprio D. Pedro, cultuou esse amor em vida e, agora, tinha que cultuá-lo em morte, declarando:

E eu amo-te, Inês, amo-te como só a morte pode amar os seres perfeitos, espirituais e puros, que faz adormecer no seu colo apaziguador e terno, no fim de cada jornada, quando a felicidade coroou as nossas vidas e as abençoou! (FERREIRA, 2005, p. 62).

Bastava a D. Pedro esperar pela sua própria morte a fim de encontrar-se com sua amada após o soar das trombetas do Juízo Final, instante em que seus corpos espirituais poderão ser livres para viver na eternidade.

4 INÊS DE CASTRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DO ENSINO MÉDIO

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. (...) ela percorre regiões que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes.

Literatura para quê?
Antoine Compagnon, 2009

A leitura literária no âmbito da aula de Literatura e/ou Língua Portuguesa é preponderante na formação das(os) estudantes da educação básica, particularmente do Ensino Médio. Essa área de investigação vem me instigando a desenvolver estudos ligados a projetos de ensino, pesquisa e extensão desde 2013, quando adentrara o universo acadêmico, ingressando na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, habilitação em Linguagens e Códigos (CDSA/UFCEG). Ainda hoje, por ocasião das pesquisas de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB) respectivamente entre 2019-2021 e 2021-2024, continuo a tratar desse tema.

Por esse motivo, a discussão que segue toma como ponto de partida estudos anteriores e que, neste momento, aproveito a oportunidade para ampliar as discussões nessa área temática. Propor uma Sequência Didática voltada para o ensino de literatura portuguesa no ensino médio com a temática da história de Inês de Castro, constitui-se uma estratégia de contribuição para as(os) professoras(es) de Língua Portuguesa e Literatura.

4.1 Literatura, ensino e o devir leitoras(es) literárias(os)

Sabemos que a literatura deve ser um bem garantido a todas(os), assim como outros direitos fundamentais direcionados às(ao)s cidadã(o)s. O direito à literatura, segundo o sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido (1995), perpassa a esfera da necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a

personalidade, porque dá forma aos sentimentos e à visão do mundo; ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.

Assim sendo, o autor nos ajuda a entender que negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. As ideias de Candido são relevantes para a discussão sobre o direito à literatura, pois deve integrar os demais direitos humanos, dado que é um bem indispensável à nossa humanização, justamente porque realiza funções fundamentais para o nosso desenvolvimento integral enquanto seres humanos, principalmente nos aspectos fabulativos, mas também éticos, políticos, sociais, culturais, psicológicos etc.

Estando a literatura no campo dos direitos elementares, logo se observa seus bons frutos na vida de homens, mulheres, jovens, crianças e idosos(as). É, pois, nessa direção que a luta por Direitos Humanos abrange um estado de coisas em que todas as pessoas possam ter acesso às diferentes formas das manifestações de saberes culturais. Uma sociedade comprometida com a efetivação dos direitos de suas(seus) cidadã(o)s, precisa levar em conta a necessidade de fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis como direito inalienável.

Sabemos que a leitura é o principal instrumento que pode tornar as(os) indivíduos(as) reflexivos(as), críticos(as) e conscientes do exercício de sua cidadania, visto que sai de sua condição marginalizada de distanciamento do conhecimento sociocultural e se ascende holisticamente. As ideias de autoras(es) como Marina Lajolo (2008) são pertinentes, em especial por considerar que ler literatura é produzir sentidos por meio de um diálogo, ou seja, uma conversa em situação real de comunicação.

Diversas(os) autoras(es) e, principalmente as(os) próprias(os) leitoras(es), concordam que nada se compara com a experiência de adquirir, através da leitura literária, novos conhecimentos e sentir a sensação de desenvolvimento pessoal. Por isso, são vários os benefícios adquiridos por meio dela, entre eles: estimula o cérebro, porquanto requer concentração, exigindo que as(os) leitoras(es) usem a imaginação e, conseqüentemente, aumenta a criatividade (ALMEIDA, 2021).

Além disso, a leitura literária também expande as fronteiras interculturais de compreensão do mundo, pois provavelmente não temos a possibilidade de conhecer todos os povos, nações, territórios e vivenciar todas as culturas que o mundo pode oferecer. No entanto, pela leitura, temos acesso a incontáveis experiências vividas por outros grupos sociais, étnicos e culturais, em diferentes épocas, a exemplo da

história da rainha Inês de Castro do século XIV. Tal prática também colabora no desenvolvimento do caráter humano e no fortalecimento da identidade cultural, pois é possível se desenvolver enquanto sujeito crítico, tornando-se mais sensível e tolerante às diferenças, bem como seres humanos mais empáticos, por meio do exercício da alteridade, isto é, de viver e aprender com a experiência das outras pessoas (ALMEIDA, 2021).

Nesse sentido, as autoras Edilma de Lucena Catanduba e Maria de Fátima de Souza Aquino (2014) afirmam que a leitura da qual estamos falando é compreendida como prática social, interativa, de produção de sentidos, fundamentada na concepção interacional e dialógica da linguagem, na qual estão inseridas pessoas que interagem entre si e com o mundo, dado que constituem a linguagem ao mesmo tempo em que são constituídas por ela.

Nessa concepção, autoras(es) e leitoras(es) são vistas(os) como sujeitas(os) sociais. A interação dessas(es) sujeitas(os), na leitura, advém da articulação entre os aspectos linguísticos e os aspectos sócio-históricos e culturais implícitos no texto. Dessa forma, as(os) leitoras(es) não apenas decodificam e internalizam o conteúdo lido, elas(es) interagem e dialogam com o texto.

Quando pensamos em boas(bons) leitoras(es), vem-nos à mente as(os) leitoras(es) literárias(os), para as(os) quais a leitura é uma experiência estética e prazerosa, porquanto seja esse o primeiro objetivo da educação literária. A educação literária deve se instituir no âmbito educacional, isto é, na escola, lugar em que as(os) alunas(os) entram em contato com diferentes obras literárias a fim de desenvolverem o gosto pela leitura e se tornarem leitoras(es) ativas(os).

Segundo Fisher (2011), há alguns problemas em relação à aplicação desse conceito no âmbito escolar, visto que no Brasil o ensino médio não parece muito disposto e aparelhado para a educação literária, justamente pelo fato de incluir a literatura numa área sintomaticamente dita “Linguagens, códigos e suas tecnologias” (FISHER, 2011). Assim, sendo uma área bastante abrangente, a literatura estaria esvaziada e colocada de maneira adjacente, principalmente no tocante ao ensino de língua portuguesa, em que se evidencia o trabalho com a análise linguística e gramática, estando a literatura no âmbito da interpretação de fragmentos de textos literários.

Assim, sendo uma área bastante abrangente, a literatura estaria esvaziada e colocada de maneira adjacente, principalmente no tocante ao ensino de Língua Portuguesa, em que se evidencia o trabalho com a análise linguística e gramática, estando a literatura no âmbito da interpretação de fragmentos de textos literários.

Sabemos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) é um importante documento para a orientação para as(os) profissionais da educação como gestoras(es) escolares, coordenadoras(es) pedagógicas(os) e, principalmente, professoras(es) relativamente aos conteúdos e metodologias a serem desenvolvidas no âmbito do projeto curricular das escolas que inclui nas disciplinas que compõem a grade curricular das(os) alunas(os) da educação básica.

Esse documento vem e deve continuar sendo objeto de análise para as(os) docentes e estudantes dos cursos de licenciatura no Brasil, porquanto a prática docente demanda um processo de reflexão contínua, pelo que a BNCC poderá ou não atender às demandas da sala de aula e seus desafios cotidianos. Assim sendo, é importante ter um olhar crítico para este material, a fim de que seja mais do que uma receita sobre como trabalhar no âmbito das disciplinas da grade curricular, e mais um instrumento de reflexão que pode ser tomado como um conjunto de diretrizes e sugestões a partir da qual as(os) professoras(es) podem criar novos caminhos de maneira contextualizada com as suas diferentes realidades.

A partir da leitura da BNCC, se analisa que no tocante ao conteúdo do componente curricular Literatura, principalmente no ensino médio, o ensino-aprendizagem desta competência, além de estar descrito de maneira sintética, está integrado à grande área de Linguagens e Códigos, especialmente quando se refere ao componente curricular de Língua Portuguesa, no ensino fundamental e médio.

Problematizando sobre isso, sabemos que essa informação nos ajuda a perceber que a literatura não tem um lugar autônomo e dedicado exclusivamente a ela na base nacional curricular, muito menos enquanto uma disciplina isolada na grade curricular das escolas. Assim, a literatura se apresenta enquanto um conteúdo a ser abordado e não exatamente com uma área de conhecimento. Esse elemento observado apresenta pontos negativos quando se considera em fazer uma abordagem analítica mais ampla da disciplina, uma vez que podemos considerar que a literatura esteja subordinada ou esteja adjacente às questões de língua portuguesa.

Quanto ao ensino de Literatura no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, a BNCC traz como orientação principal aproximar as(os) alunas(os) do texto literário, a fim de ler, interpretar e tornar as(os) alunas(os) em leitoras(es) literárias(os) (BNCC, 2018). Esse objetivo deve colaborar para com o desenvolvimento das habilidades de leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.

Esse objetivo é importante, pois sabemos que como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.

A literatura contribui para a ampliação da visão de mundo das(os) alunas(os), porquanto através da leitura literária passa a compreender outras realidades sociais e culturais. Essa experiência frutiva com a obra literária ajuda as(os) alunas(os) a exercer a alteridade e ter mais empatia para com as pessoas exercício da cidadania e da realização do seu papel em sociedade. Por isso, o estudo desse componente curricular é de grande relevância na formação básica. Em se tratando da história de Inês de Castro, mediante a leitura literária podemos ser inspiradas(os) a refletir acerca da condição da mulher, marcada por objetificação, violência, silenciamento, feminicídio etc., não só no século XIV, mas nos dias atuais.

Diante da importância do ensino de literatura mediante o viés da leitura literária crítica, a Base Nacional Comum Curricular evidencia de maneira acentuada a abordagem da leitura e da análise de obras literárias para que as(os) alunas(os) tenham conhecimento sobre as(os) autoras(es), contexto de produção, impactos sociais das obras etc. No campo artístico-literário, buscam-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação das(os) leitoras(es) literárias(os) e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio (BNCC, 2018). Observando autores considerados clássicos da literatura portuguesa e que chegam até às(aos) alunas(os) do ensino médio, podemos destacar Garcia de Resende, Luís Vaz de Camões, Almeida Garrett, entre outros que escreveram sobre Inês de Castro.

Essa perspectiva de abordagem do conteúdo de literatura na sala de aula se baseia num estudo sistemático da obra literária que começa na leitura e se encaminha para a análise das obras, autoras(es) e respectivos contextos de produção e recepção. A BNCC não descreve a abordagem por meio de um detalhamento, o que acaba dificultando para as(os) professoras(es), muitas(os) das(os) quais ainda abordam o conteúdo da literatura apenas com a finalidade de trabalhar a análise linguística ou realizar exercícios de ortografia a partir de trechos de obras literárias.

Além da abordagem mediante o estímulo da leitura de obras literárias, a BNCC destaca a importância de trabalhar com os conteúdos sistemáticos, pelo que os principais conteúdos aparecem na forma de estudo dos gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, blogs e podcasts literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc.).

Analisando o documento, se observa que não há muitas prescrições sobre o ensino do componente da Literatura, isto é, um detalhamento metodológico para que as(os) professoras(es) da área de Língua Portuguesa possam se nortear, razão pela qual podemos dizer que o conteúdo literário acaba se esvaziando ou sendo colocado de lado em função do ensino de gramática e língua materna.

A BNCC apresenta algumas lacunas, mas não podemos esquecer que este documento reconhece a importância do ensino de literatura para a formação das(os) alunas(os), pois deixa nítido que a educação literária deve se instituir no âmbito educacional, isto é, na escola, lugar em que as(os) alunas(os) entram em contato diferentes obras literárias a fim de desenvolverem o gosto pela leitura literária e se tornarem leitoras(es) ativas(os) e que usam as destrezas da língua (leitura, escrita, compreensão oralidade) como instrumentos de ascensão social.

Diante dos desafios contemporâneos em relação à cidadania e a inclusão social no mercado de trabalho, a leitura proficiente é de extrema relevância para as(os) alunas(os). Sabemos que a leitura é o principal instrumento que pode tornar uma pessoa reflexiva, crítica e consciente do exercício de sua cidadania, visto que sai de sua condição marginalizada de distanciamento do conhecimento sociocultural e se ascende holisticamente.

Para essa discussão, podemos trazer diferentes autoras(es) que apresentam a relevância do ensino de literatura na escola, pelo que se justifica a importância da Base Nacional Comum Curricular como documento norteador e de grande ajuda para as(os) professoras(es). A já citada Marina Lajolo (2008) considera que ler literatura no âmbito escolar é produzir sentidos por meio de um diálogo, ou seja, uma conversa em situação real de comunicação.

Por sua vez, as autoras Edilma de Lucena Catanduba e Maria de Fátima de Souza Aquino (2014) afirmam que a leitura literária deve ser compreendida como prática social, interativa, de produção de sentidos, fundamentada na concepção interacional e dialógica da linguagem, na qual estão inseridas(os) sujeitas(os) que interagem entre si e com o mundo, dado que constituem a linguagem ao mesmo tempo em que são constituídos por ela. Nessa concepção, autoras(es) e leitoras(es) são vistas(os) como sujeitas(os) sociais (ALMEIDA, 2021).

A BNCC é uma garantia do direito à Literatura na escola, razão pela qual temos que estar cientes de que a literatura deve ser um bem garantido a todas as pessoas, assim como outros direitos fundamentais direcionados às(aos) cidadã(o)s (CANDIDO, 1995).

A BNCC traz como orientação principal no âmbito da educação literária e o ensino de literatura na escola, a proposta de aproximar as(os) alunas(os) do texto literário, a fim de ler, interpretar e torná-las(os) leitoras(es) literárias(os). Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece a percepção e visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que permite que as(os) alunas(os) aumentem suas capacidades de ver e sentir. Nesse sentido, a educação literária possibilita uma ampliação da visão de mundo, ajudando não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que está vendo e vivenciando.

A BNCC evidencia a abordagem da leitura e análise de obras literárias para que as(os) alunas(os) tenham conhecimento sobre as(os) autoras(es), contexto de produção, impactos sociais das obras etc. No campo artístico-literário, buscam-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Sabemos, por exemplo, que as manifestações literárias inspiradas na história de Inês de Castro, principalmente na forma do romance, retratam um contexto histórico que marcou a nação portuguesa. Portanto, está em jogo a continuidade da formação das(os) leitoras(es) literárias(os) e do desenvolvimento da fruição no âmbito da educação literária.

O ensino de língua e literatura devem contribuir para o uso efetivo das destrezas de leitura, escrita, compreensão e oralidade que decorrem de situações sociocomunicativas porque é o modo como a escola faz uso da linguagem com vistas à sua funcionalidade comunicativa para o exercício da cidadania. O problema é que em muitos casos a escola está interessada em usar a literatura para ensinar gramática e análise linguística, ou mesmo para trabalhar valores morais e éticos nos exercícios interpretativos (WALTY, 2006).

Ivete Lara Camargos Walty (2006) problematiza sobre isso, afirmando que o discurso didático esvazia o texto literário. O próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) já advertem as escolas quanto ao equívoco histórico do ensino de literatura como pretexto para tratar de questões de valores morais ou ensinar gramática.

Lajolo (1986) também chegou a tratar dessas questões enquanto analisara os documentos normativos dos PCNs em detrimento da realidade do ensino de literatura nas aulas de língua portuguesa nas escolas, particularmente no tocante à leitura e produção textual que são deficitárias devido ao uso reducionista das obras literárias. Assim, a escola usa a literatura com vistas às situações sociocomunicativas porque esta literatura é lida de uma maneira instrumental, e não como objeto estético para a fruição e formação do pensamento crítico-reflexivo.

As orientações curriculares dão ênfase à formação das(os) leitoras(es) literárias(es), efetivada através de um contato direto com as obras, a ser propiciado nessa etapa da escolaridade básica (BRASIL, 2006, p. 49-83). É preciso que as(os) alunas(os) do ensino médio tenham acesso às obras literárias, pois, segundo os parâmetros curriculares (BRASIL, 2002), o ensino de literatura busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura.

Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, as(os) alunas(os) devem ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se deparam, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (BRASIL, 2002).

Marisa Lajolo (1986) é a autora de *O texto não é pretexto*, publicado em 1981, com a finalidade de tecer uma crítica sobre o uso reducionista do texto literário na

aula de língua portuguesa apenas como um recurso didático. A autora afirma que é importante fazer um exercício de leitura e contextualização na abordagem metodológica de trabalho com o texto literário, e não meramente se utilizar desse recurso para trabalhar língua e gramática.

Além disso, a leitura literária acaba sendo um pretexto para a produção textual, como se fossem modelos de como escrever, qual linguagem empregar, como adequar-se à norma culta da língua, entre outros modos equivocados de ler a obra literária. A autora tece críticas a fim de promover uma reflexão sobre a prática docente que precisa ser aperfeiçoada, pois ainda carrega abordagens de uma educação tradicional. No caso da leitura de romances inesianos no ensino de literatura portuguesa, não podemos usar as obras literária como pretexto para tratar sobre a história de Inês de Castro. Pelo contrário, Inês de Castro é maior que uma obra literária, do que a forma do romance ou de um estilo de escrita de autoria de mulher. Portanto, sendo impactadas(os) pela sua história-lenda-mito que reverbera *até ao fim do mundo*, as obras literárias inesianas serão buscadas pelas(os) alunas(os), movidas(os) pelo deleite da leitura fruitiva.

A “escolarização da literatura” tem pelo menos dois sentidos, isto é, pode designar um processo de apropriação das obras literárias que fazem parte do universo artístico e cultural para ceder a interesses pedagógicos no âmbito escolar. Outrossim, pode designar que as obras literárias são criadas a fim de chegar às salas de aulas, a exemplo da literatura infanto-juvenil que geralmente é pensada para o público escolar. As(os) autoras(es) que tratam da escolarização da literatura, têm observado alguns pontos negativos, a exemplo de Evangelista et al., (2006), que observam a “didatização”, que decorre em instrumentalização, simplificação, condensação, classificação, enquadramento, regulação, entre outros procedimentos que fazem com que a obra perca seu sentido e beleza estética.

Isso quer dizer que as obras, ao entrarem na escola, passam a ser “literatura escolarizada”, pelo que são sintetizadas, categorizadas e elencadas como obras relevantes ou não, que se adequam a uma tal necessidade pedagógica ou não. A escolarização da literatura não seria exatamente algo negativo porque essa expressão artística deve fazer parte da formação básica, embora saibamos que o problema é a aceção reducionista e a abordagem instrumental. Por isso, pensar Inês de Castro na aula de literatura é, antes de tudo, concebê-la maior que isso.

4.2 Proposta de sequência didática

Com base no estudo de Natanael Freitas Cabral, em *Sequências didáticas: estrutura e elaboração* (2017), tomamos nota que a sequência didática é recurso didático que possibilita às(aos) professoras(es) organizarem as atividades de ensino em função dos núcleos temáticos e dos procedimentos estruturais.

O termo “sequencia didática” (SD) foi utilizado inicialmente no contexto da aprendizagem de língua escrita com os trabalhos desenvolvidos pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly, em *Gêneros Oraís e escritos na escola* (2004), visto que suas investigações tinham como foco a relação entre linguagem, interação e sociedade, ocasião em que esse recurso foi adotada como sendo um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.

Por seu turno, o autor Antoni Zabala, em *A prática educativa: como ensinar* (ZABALA, 1998), nos dar a saber que a sequência didática se trata de um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, tendo um princípio e um fim conhecidos tanto pelas(os) professoras(es) como pelas(os) alunas(os).

Zabala ainda postula que o procedimento de SD tem a virtude de manter o caráter unitário e reunir toda a complexidade da prática, ao mesmo tempo em que permitem incluir as três fases de toda intervenção reflexiva, a saber: o planejamento, aplicação e avaliação. Essa seria, portanto, a tríade que permite às(aos) professoras(es) um movimento de constante aperfeiçoamento de suas ações de ensino.

O *planejamento* racionaliza a inevitável articulação entre as reconstruções conceituais e as metodologias alternativas, a *aplicação* que materializa a viabilidade e pertinência do material sequenciado disponibilizado aos aprendizes e a *avaliação* que por sua vez permite a (re)elaborações necessárias a partir da análise e discussão dos dados.

Esses estudos apontam para a possibilidade das(os) próprias(os) professoras(es) elaborarem as sequências didáticas, não reproduzindo modelos prontos, mas usando a criatividade para personalizar esse recurso a partir dos seus conhecimentos, dos objetivos de aprendizagem e das necessidades educacionais

das(os) alunas(os). É a partir deste entendimento que desenvolvi a sequência didática que se apresenta no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Sequência Didática

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA PROFESSORAS(ES)
APRESENTAÇÃO
<p>TEMA: Inês de Castro</p>
<p>OBJETIVO GERAL:</p> <p>Ler e interpretar a história de amor trágica de Inês de Castro e D. Pedro a fim de apresentar estratégias de enfrentamento à violência contra a mulher no século XXI em aulas de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver e estimular o hábito da leitura literária, estimulando a imaginação, memória, atenção, criatividade e o gosto literário. • Desenvolver o senso crítico à luz das relações entre a história de Inês de Castro e a realidade vivida pelas mulheres nos dias atuais, no tocante à violência de gênero e o feminicídio. • Desenvolver a linguagem oral e escrita por meio do uso contextualizado da língua portuguesa no âmbito da sala de aula.
<p>SEGMENTO: 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio</p>
<p>DURAÇÃO:</p> <p>A ser definida a partir da realidade da escola, sendo sugerido o tempo mínimo de 10 aulas.</p>
<p>HABILIDADES DA BNCC:</p> <p>(EF69LP44PE), (EF69LP45PE), (EF69LP46PE), (EF89LP33PE), (EF69LP51PE), (EF69LP53PE), (EF69LP03PE), (EF69LP47PE) E (EF89LP32PE).</p>

MATERIAIS:

- *Inês de Castro: a estalagem dos assombros* (2006), de Seomara da Veiga Ferreira.
- Lei Maria da Penha nº 11.340/2006.

DESENVOLVIMENTO**PRÉ-LEITURA****Apresentação do livro e da autora:**

- Mostrar o livro, ler o título, informar o número da edição e editora.
- Falar sobre a autora portuguesa Seomara da Veiga Ferreira, ressaltando elementos da sua vida e obra romanesca, contando com a exibição de fotografias da romancista.

Levantamento de hipóteses dos alunos sobre a história:

- Alguém conhece a história de Inês de Castro?
- Sobre o que poderá tratar a história?
- O que o título sugeres?
- O que a imagem da capa sugere?
- Alguém já ouviu o provérbio popular “Já é tarde, Inês é morta”?

LEITURA**Cronograma de leitura em casa ou na escola.**

CAPÍTULOS DO ROMANCE	
1	As palavras sublimes do vento
2	Os senhores das sombras
3	A oração da água que corre
4	O rosto oculto do eterno amor
5	A canção de Lancelot
6	A noite dos escorpiões
7	O grande desvairo ou a palavra secreta das águas mortas
8	O tempo que me resta
9	Eu, Dona Doce, vos conto, Senhor
10	Com estas pedras edificarei um trono eterno
11	Aqui te espero, meu amor, agora liberto de minha carne

	<ul style="list-style-type: none"> a) Desenvolver as atividades de leitura dos capítulos na sala de aula ou em casa. b) Cada capítulo pode ser lido e discutido em 2 horas/aulas. c) Os 11 capítulos que compõem o romance podem ser trabalhados durante dois meses, a depender da realidade escolar.
<p>PÓS-LEITURA</p>	<p>Questões para reforçar a compreensão do enredo:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) A partir de qual ponto de vista a história é contada? b) A voz narrativa participa ou observa a história? c) A voz narrativa tem onisciência do que as personagens pensam e sentem? d) Por que se trata de uma voz narrativa feminina? e) Quais personagens que chamaram a atenção? f) Por que Inês foi assassinada? g) Quem matou Inês? h) Depois que ela foi assassinada, o que D. Pedro fez? i) Quais os impactos da atitude vingativa de D. Pedro? j) O que a história de vida e morte de Inês de Castro representa para a nação portuguesa? <p>Questões para reforçar a interpretação pessoal acerca da obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Qual a sua percepção acerca deste romance histórico? b) Essa história lembra-lhe outra história? c) Qual seu sentimento após essa jornada de leitura? d) Para quem você indicaria a leitura da obra? e) O que o romance te faz refletir acerca das mulheres? f) Como você concebe o amor de Pedro por Inês? g) Qual sua opinião sobre o modo como Inês foi executada? h) O que os espectros assombrosos de bruxa, princesa e deusa

te fazem pensar sobre Inês?

- i) Como compreende a atitude da rainha D. Beatriz em contar suas memórias assombrosas para sua serva Dona Doce?

Discussão sobre a violência contra a mulher à luz do feminicídio de Inês de Castro:

- a) Realizar uma roda de conversa sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na contemporaneidade, sobretudo, enfatizar sobre a violência doméstica e o feminicídio. Fazer referência à Lei nº 11.340 (Maria da Penha) que estabelece as formas da violência doméstica contra a mulher como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Determina que a violência doméstica contra a mulher independe de sua orientação sexual. Determina que a mulher somente poderá renunciar à denúncia perante o juiz.

AVALIAÇÃO

A avaliação processual pode ocorrer durante todos os momentos de execução das atividades de leitura e interpretação propostas, de maneira contínua. Nesta avaliação pode ser considerada a participação, protagonismo e desenvolvimento das(os) discentes na execução das atividades propostas. Pode-se, portanto:

- Realizar uma **roda de conversa** para avaliar o que as(os) alunas(os) aprenderam sobre a violência contra a mulher e o feminicídio à luz da história trágica de Inês de Castro como modo de avaliar os aprendizados sobre a valorização da mulher.
- Propor exercícios de **escrita (de resumo ou resenha)** acerca do romance estudado na sua relação com outras obras literárias que tematizem pares amorosos célebres, a exemplo de Romeu e Julieta, ou mesmo na relação

com obras que dialoguem com os espectros assombrosos, a exemplo de histórias de bruxas como Juana D'arc, Agnes Bernauer, Bridget Bishop e Sarah Good, bem como a lenda de Tristão e Isolda e o mito da deusa do amor Afrodite.

- Trabalhar a **escrita de redação** acerca da violência contra mulheres e feminicídio tendo como inspiração a *Lei Maria da Penha* de proteção às mulheres, a fim de promover uma conscientização e prevenção na sala de aula.

Fonte: Dados da pesquisa

Essa sequência didática constitui-se como um instrumento pedagógico que agrega um conjunto de propostas interventivas de trabalho com a competência de leitura literária a partir do romance *Inês de Castro: a estalagem dos assombros* (FERREIRA, 2006). As(os) professora(es) de Língua Portuguesa e Literatura que atuam em turmas do Ensino Médio possuem autonomia para personalizar esse material com base nos desafios de suas salas de aula.

Espera-se que o tema Inês de Castro chegue às salas de aula da educação básica, dada a sua ausência nas discussões inspiradas em literatura portuguesa nas escolas, razão que assevera a imprescindibilidade da aprendizagem da literatura, cultura e identidade nacional portuguesa à luz das reverberações do mito de Inês de Castro, a fim de que adolescentes e jovens possam tomar conhecimento da história da realeza portuguesa do século XIV, que influenciou na concepção de Portugal como reino do amor e do sentimento que permite eternizá-lo, a saber, a saudade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na reinvenção romanesca histórica contemporânea de Seomara da Veiga Ferreira *Inês de Castro: A Estalagem dos Assombros* (FERREIRA, 2005), vemos, pelo olhar místico, materno, feminino e excêntrico de D. Beatriz, a (re)figuração de uma personagem histórica, tal como nos ilumina o entendimento Carlos Reis (2017), em sua teoria da *sobrevida*.

Neste caso, a romancista faz sua Inês de Castro quimérica reverberar em viagem espaciotemporal os espectros simultâneos de bruxa, da lendária princesa Isolda e de deusa do amor, mediada pela voz de uma figura nobre que, historicamente não tem visibilidade no enredo da tradição mito-história dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro.

É através dos procedimentos estéticos do romance histórico contemporâneo que essa personagem descentralizada pôde engendrar uma narrativa de memória e alegórica às respectivas figuras femininas supracitadas, que mimetizam possibilidades múltiplas de interpretação da mitologia inesiana em ampliação dos fatos e das fábulas que cercam o episódio medieval da Portugal do século XIV.

O presente romance dá conotações outras à(s) leitura(s) do mito, em razão das interfaces que ainda não estiveram evidenciadas no escopo narrativo tradicional, o que eleva a condição de Inês de Castro para além de uma mulher passiva a mercê do protagonismo heroico e/ou vingativo de D. Pedro, mas uma mulher superlativamente complexa, de muitas facetas e que, por isso, fora um problema abstruso e irresoluto para homens da nobreza e clerezia portuguesa.

Também é possível considerar que a figura feminina no protagonismo narrativo, no engendrar da história, evidencia uma descentralização da (re)fabulação mitológica, ao passo que o “ex-cêntrico” passa a ser centro, isto é, a voz de autoridade na r(e)contação dos acontecimentos.

D. Beatriz, portanto, passa a ser uma mulher de visibilidade no mito, não sendo apenas a audaciosa apaziguadora da guerra civil travada por D. Pedro e D. Afonso IV, tal como frisou o historicismo normativo e tradicional, mas a voz que influenciou na história, aconselhou e persuadiu maestralmente o pensamento e as atitudes dos seus nobres familiares, o que muda o percurso da própria história a que se tem conhecido.

Destarte, o romance de Seomara é uma (re)in(ter)venção de alguém que, como a própria narradora, D. Beatriz, não concebe a figura de D. Inês de Castro apenas como fora difundida pela tradição histórico-literária e que, por isso, amplia o mito na fusão entre fantasia e história. Não que isso já não tivera sido feito por obra de outros poetas, mas a romancista portuguesa dispõe de novos elementos.

No tocante às interpelações entre tradição e reinvenção, buscamos articular um diálogo objetivo, o que também é nossa quimera, sabendo da profundidade do que estamos discutindo. Esse texto congrega uma gama de outros textos de tema inesiano, agregados, durante a discussão, nas referências e notas, as quais acreditamos que as(os) leitoras(es) poderão buscar mais detalhes.

Além disso, a renovação do mito na contemporaneidade só aumenta os esforços pela resolução do que fora a complexa história de amor e morte de Pedro e Inês, o que há mais de seis séculos tem causado assombros aos que pretendem solucionar ou dissipar a névoa que perdura em cobrir os fatos. Como não nos propomos fazer isso, antes abordar criativamente algumas das infinitas interfaces interpretativas da história, permanecemos crendo, assim como fora referido no introito, que essa história só se discerne através do amor.

Se por algum motivo não tivermos experimentado plenamente, então seguiremos em frente, em alguns casos, teremos que nos acomodar nas estalagens da razão científica, das razões de estado, da religião, da política, da arte, entre outras, assim como fora com D. Beatriz, simultaneamente na condição de mãe (D. Pedro), esposa (D. Afonso IV) e rainha (Portugal), postulando que no fundo o nosso caminho é “uma passagem curta ou longa por uma sucessão de estalagens” (FERREIRA, 2006, p.46).

Por fim, propor uma abordagem pedagógica do mito de Inês de Castro para o contexto da aula de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio, me entusiasmou a acreditar que as(os) professoras(es) leitoras(es) desse trabalho poderão fazer uso da Sequência Didática que elaborei com muito esmero. Sinto que estou contribuindo para a difusão do tema Inês de Castro no universo escolar, tão necessário quanto urgente, por exemplo, para instigar o debate sobre a combate à violência contra as mulheres e a prevenção ao feminicídio que são pautas imprescindíveis de serem discutidas nas escolas do século XXI.

REFERÊNCIAS

Bibliografia literária

- AGUIAR, João. **Inês de Portugal**. 5. Ed. Porto: Edições Asa, 1999. (Coleção Pequenos Prazeres).
- ANDRADE, Valéria; FERREIRA, Lurdes; NEVES, Manuel; BARROS, Marcelo; ALMEIDA, Leandro; BARROS, Rafael. **Inês&Nós**: Trinta e Uma novas histórias de Inês de Castro. Campina Grande: EDUEPB, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/1tH8> . Acessado em 07/01/2023.
- BÉRDIER, Joseph. **O romance de Tristão e Isolda**. Tradução, apresentação e notas: Leandro Cardoso M. da Silva. – São Paulo: Via Leitura, 2016.
- BESSA-LUÍS, Agustina. **Adivinhas de Pedro e Inês**. Reimp. Lisboa: Guimarães, 1983.
- CAMÕES, L. de. **Os Lusíadas**. Série bom livro – Poesia. Apresentação, seleção e notas Carlos Felipe Moisés. 10ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CRUZ, Afonso. **Flores**. Companhia das Letras, 2015.
- FARIA, Rosa Lobato. **A trança de Inês**. Lisboa: Edições Asa, 2001.
- FERREIRA, Seomara da Veiga. **Inês de Castro**: a estalagem dos assombros. Lisboa: Editorial Presença, 2006.
- FRANCO, António Cândido. **A rainha morta e o rei saudade**. 2. Ed. Lisboa: Ésquilo, 2003.
- FRANCO, António Cândido. **Memória de Inês de Castro**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990. (Col. Séculos XX, v. 310).
- GOUVEIA, Maria João Fialho. Lisboa: **Inês**. Top seller, 2016.
- HIERRO, Maria Pilar Queralt Del. **Inês de Castro**. Trad. Saul Barata. 6. Ed. Lisboa: Presença, 2005.
- MURMÚRIOS de Pedro e Inês**. Dança em Diálogos - YouTube, 13 de outubro de 2019 (01m22s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uOMBh6w_hx8. Acessado em 19 de agosto de 2020.
- PINTO, Margarida Rebelo. **Minha querida Inês**. Lisboa: Clube do Autor, 2011.
- ROSA, Luís. **O amor infinito de Pedro e Inês**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

Bibliografia teórica

- ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Inês&Nós**: uma aplicação do Método LerAto na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2021. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3749>. Acessado em 05/06/2022.

ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Música e seu ensino-aprendizagem no contexto não formal**: a experiência do/no grupo infanto-juvenil de flauta doce da Igreja Evangélica Congregacional de Sumé-PB. 2017. 100f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2017. Disponível em: <https://abrir.link/uhRAT>. Acessado em 17/10/2020.

ALMEIDA, Leandro. Remover pedras, desenterrar o futuro. In: ANDRADE, Valéria; FERREIRA, Lurdes; NEVES, Manuel; BARROS, Marcelo; ALMEIDA, Leandro; BARROS, Rafael (Orgs.). **Inês&Nós**: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro. Campina Grande: EDUEPB, 2022, 37-39. Disponível em: <https://shre.ink/1tH8>. Acessado em 07/01/2023.

ANDRADE, Valéria. **Inês&Nós**: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil: relatório final de pesquisa de pós-doutoramento (2018-2019) – 2019. Porto: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3tCYiZW>. Acessado em: 17/06/2022.

ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de; ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Inês&Nós**: Leitura Performativa Gamificada, Formação de Professores Leitores e o mito de Inês de Castro. In: FLORY, Alexandre Villibor; MATSUNAGA, Priscila (Orgs.). **Teatro e política**. GT da ANPOLL Dramaturgia e Teatro. São Carlos: Pedro&João Editores, 2022, p. 321-347. Disponível em: <https://bit.ly/3PY9Z6O>. Acessado em 16/01/2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: Magia, técnica, arte e política. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **PCN+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002b.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos E...** Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CATANDUBA, Edilma de Lucena; AQUINO, Maria de Fátima de Souza. Práticas sociais de leitura, escrita e letramento: o papel da escola na perspectiva do PNAIC. In: FARIA, Evangelina M. B. de Faria; MELO, Lúcia Giovanna de; CAVALCANTE,

Marianne B.; FERNANDES, Terezinha A. F. (Orgs.). **Letramentos em Linguagem - PENAIC** Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2014.

COCCIA, Emanuelle. **Metamorfoses**. Desenhos Luiz Zerbini, tradução Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradigmas da modernidade**. Tradução de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. Disponível em: <https://curtlink.com/Q9Lnj> . Acessado em 18/04/2023.

ESTEVES, Antônio Roberto. **Narrativas de extração histórica: sob o signo do hibridismo**. In.:_____. O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000). São Paulo: UNESP, 2010.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. Perspectivas de escolarização da leitura literária. In: _____ (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Coleção Literatura e Educação. p. 11-16.

FESLKI, Rita. **Introduction, New Literary History**, v. 42, n. 2, p. V-IX, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª Ed, 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FISHER, Luís Augusto. **O Enem pode prejudicar o ensino de literatura nas escolas?** O Globo, Rio de Janeiro, 13 ag. 2011.

FRANCE, A. **Le jardin d'Épicure**. Paris: Calmann-Péry. Paris: Calmann-Lévy, 1927. (Oeuvres complètes, 9).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. História, Literatura e imaginação: um jogo espetacular. O exemplo da cocanha. In.: IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia V. Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares (Orgs.). **Sobre as naus da iniciação: estudos portugueses de literatura e história**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas), p. 271-286.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acessado em 09/07/2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. Pedro. **Os grandes julgamentos da história: o processo de D. Inês de Castro**. Lisboa: Otto Pierre, 1975.

- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo** – História, Teoria, Ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- KLEIN, K. F. **A geografia da imaginação**. Remate de males, v. 35, n. 2, p. 285-299, 2015.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Ed – Ática, 2008.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- MIELIETINSKY, Eleazar. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- OSAKABE, Haquira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S (Orgs). **Sobre as Naus da Iniciação: estudos portugueses de Literatura e História**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.105-117.
- REIS, Carlos. 2017. **Para uma teoria da figuração**. Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 52, n. 2, pp. 129-136. Disponível em: <https://bit.ly/3BNYSIW>. Acessado em 19/05/2023.
- RORTY, Amélie O. (Ed.). **The Identities of Persons**. Berkeley and Los Angeles: The Univ. of California Press, 1976.
- SANTOS, Pedro Brum. **Teorias do romance: relações entre ficção e história**. Santa Maria [RS]: EDUFMS, 1996.
- SOUZA, Aldinida de Medeiros. **Inês de Castro no romance contemporâneo português**. 2010. 209 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16366>. Acessado em 09/07/2022.
- TOLEDO, Maria Emilia Miranda de. Razões de Estado x Razões de Amor na tragédia Castro, de Antônio Ferreira. In: MEGIANI, Ana Paula Torres; SAMPAIO, Jorge Pereira de (Orgs.). **Inês de Castro: a época e a memória** – São Paulo: Alameda, 2008, p.117-138.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: anti-lições. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Coleção Literatura e Educação. p. 49-58.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**; tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.